

An abstract painting with a complex composition of thick, expressive brushstrokes. The color palette is dominated by deep blues, purples, and reds, with accents of yellow, orange, and white. The texture is highly visible, suggesting the use of heavy paint. The overall effect is one of dynamic energy and emotional intensity.

POEMAS DE PORTINARI

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

POEMAS DE
PORTINARI

Presidente da República

Jair Bolsonaro

Ministro da Cidadania

Osmar Terra

Secretário Nacional de Cultura

José Henrique Medeiros Pires

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE

Presidente

Miguel Proença

Diretor Executivo

Leônidas José de Oliveira

Diretora do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Gerente de Edições

Carlos Eduardo Drummond

POEMAS DE PORTINARI

Organização

Letícia Ferro

Patrícia Porto

Suely Avellar



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Equipe de Edições

Karla Xavier

Gilmar Mirandola

Jaqueline Lavor Ronca

Revisão de Texto

Hamilton Fernandes | Tikinet

Lucas Giron | Tikinet

**Projeto Gráfico, Capa
e Diagramação**

Tikinet

Imagem da Capa

Noite de São João – 1957

Pintura a óleo/tela

Rio de Janeiro, RJ

58 × 71 cm

Coleção particular

Imagem da Contracapa

Autorretrato – 1957

Pintura a óleo/madeira

Brodowski, SP

54 x 45 cm

Coleção particular

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Funarte / Coordenação de Documentação e Pesquisa**

Portinari, Candido.

Poemas / Candido Portinari . – Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

192 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-7507-198-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869.1

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes – Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 – Cidade Nova – CEP: 20210-911 | Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 2279-8071 | livraria@funarte.gov.br – www.funarte.gov.br


Dedico esta nova edição à memória de
minha filha, Maria Candida, que, ainda bem
pequenina, já compreendia toda a poesia
que transbordava das telas de seu avô,
como revela este desenho que ela nos deixou.

João Candido Portinari

O segredo do portinari pra pegar um
peixe era colocar um pintal na vara de
pescar



Os poemas que compõem este livro foram publicados originalmente na obra *Poemas de Portinari*, editada em 1964, pela Livraria José Olympio Editora. Preservada a seleção feita por Antonio Callado na ocasião, as organizadoras desta nova edição propuseram reparos, alterações e acréscimos a partir de critérios justificados nas últimas páginas da presente obra. Os textos introdutórios de Antonio Callado e Manuel Bandeira constam da primeira edição, de 1964. A apresentação de Marco Lucchesi foi escrita especialmente para esta nova edição.



Sumário

Sem ilustrações	9
Portinari Poeta	11
Brilham Sinais	13
O menino e o povoado	17
Aparições	89
A revolta	123
Odes	175
Notas das organizadoras	187

Sem ilustrações

Antonio Callado

Ninguém deve estranhar que este livro de um grande pintor saia sem ilustrações. E não é que Candido Portinari não tenha tido tempo de fazê-las. Eu mesmo, quando combinava com ele o presente arranjo dos poemas, lhe perguntei por que, pintor e poeta, não iluminava seus versos, à moda de Blake, poeta e pintor. A resposta de Candinho foi que, no futuro, faria uma edição ilustrada, mas “pequena, só para os amigos”. Antes queria publicar os versos, como qualquer poeta. Repugnava à sua integridade explorar a fama do pintor em benefício do poeta.

Isso é de certa forma um retrato do grande artista que morreu no dia 6 de fevereiro de 1962. Portinari era consciente, até o orgulho, do valor da sua pintura, mas a consciência do gênio nunca interferiu na humildade do artesão: da simples capa de um livro fazia vários bosquejos, e, enquanto um retrato que pintava não saísse a seu gosto, estendia interminavelmente o número de *sittings* de qualquer modelo. Há muitos anos haviam cessado quaisquer relações suas com o Partido Comunista. Mas quando quis ir aos Estados Unidos inaugurar, na ONU, os painéis da Guerra e da Paz, e a condição para que obtivesse o visto era declarar que não mais pertencia ao Partido, recusou a barganha e deixou os quadros se inaugurarem sozinhos. Assim, também, quando chegou o momento de apresentar ao público os versos que lhe foram inspirados pelas saudades da infância e por tristezas do fim da vida, recusou as sugestões de valorizá-los com a arte em que reinava supremo. Era, no país do dá-se-um-jeito, o inimigo de qualquer acomodação.

Foi o próprio Portinari quem escolheu José Olympio para publicar seu livro de versos. “Nós dois somos da Alta Mogiana”, explicou. Em Brodowski nasceu Candido Portinari dia 29 de dezembro de 1903. E no último 29 de dezembro que passou entre os amigos, o de 1961, conversei com sua mãe, Dona Domênica, que viera de São Paulo trazer a bênção ao filho pintor. Os olhos azuis iluminando o rosto grave mas doce, ela relembrou os tempos em que plantava café e ia tendo seus doze filhos: “Cheguei ao Brasil com nove anos, casei aos dezesseis e aprendi a ler aos sessenta, com meu filho caçula, o Osvaldo. Foi quando tive tempo”. Mas Dona Domingas, como passou a se chamar no Brasil, e Seu Batista,

o pai do pintor, ambos nascidos no Vêneto, traziam no sangue uma velha cultura. Na terra roxa plantaram café e plantaram o maior pintor deste país, Candido, o segundo filho do casal.

E Portinari guardou na sua arte o bravo esforço dos pais. Não pintava por desfastio ou para exprimir fugidios estados de consciência. Pintava como quem lavra a terra, como quem cuida de uma fazenda. Dos seus retratos mais sofisticados e da quase abstração dos seus últimos “Morros” (não era para fazer abstracionismo: de tanto sofrer com o morro, Portinari chegou à sua essência, espectralizou a favela) aos tremendos painéis em que respiram bois, bandeirantes, mártires e seringueiros, Portinari pôs em flor todo um latifúndio.

Depois, para descansar de um labor quase inédito entre nós pela intensidade, resolveu cultivar um jardim. Roçou um palmo de terra e plantou os poemas que aí estão.

Todos os que amam os quadros de Candido Portinari procurarão nos versos os temas do pintor. Mas, na medida do possível, não façam isso. Para fazerem a vontade do autor leiam seus versos sem pensar em nada mais. E verão que, menor como é o poeta em relação ao pintor, o gênio de Portinari era tanto que não coube numa arte só.

Rio, setembro de 1962.

Portinari Poeta

Manuel Bandeira

Portinari, estudante de Pintura na Escola Nacional de Belas-Artes, vivia sonhando com a Europa. Um dia ganhou, no Salão, o prêmio de viagem ao estrangeiro, e o grande sonho realizou-se. Mas na Europa um caso extraordinário se passou: Portinari descobriu Brodowski, o seu torrão natal, no fundo de São Paulo. Na verdade, no fundo da sua subconsciência, e a princípio sob a forma do mais pobrinho e mais humilde de seus conterrâneos. Escreveu então o pintor uma página, que pode ser considerada como o prefácio de toda a sua obra de artista plástico – a história de Balaim, um beira-córrego de Brodowski (“Bigode empoeirado e ralo, um só dente, calças brancas feitas de saco de farinha de trigo, ainda com o carimbo da marca da farinha, paletó listrado, com quatro botões, três pretos e um branco, cara mole esbranquiçada pelo amarelão, aspecto de criança doente...”).

Descoberta Brodowski, estava definitivamente traçado o itinerário artístico de Portinari: quando regressasse para o Brasil, iria pintar Brodowski. “A paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem conversou a primeira vez não sai mais da gente e eu, quando voltar, vou ver se consigo fazer a minha terra.” Pondo de parte a sua prodigiosa técnica, a sua estupenda galeria de retratos, a melhor porção da obra de Portinari é isto: Brodowski, o menino e o povoado, o menino no seu povoado. Por esse fundo vivencial é que Portinari se afirma profundamente ele mesmo, mesmo quando influenciado por Picasso ou pelos *surréalistes*.

Não se pode, porém, dizer tudo pelos meios plásticos. Havia ainda em Portinari muito que contar da sua infância e de seu povoado. E, ultimamente, Portinari começou a escrever umas coisas a modo de poemas. Ele chamava-as simplesmente escritos. “Vão aqui mais alguns escritos”, dizia-me nos bilhetes que acompanhavam a remessa das suas produções literárias.

Eram realmente poemas. Naturalmente a técnica de Portinari-poeta está longe da técnica de Portinari-pintor. Ele próprio tem consciência disso:

*Quanta coisa eu contaria se pudesse
E soubesse ao menos a língua como a cor.*

Todavia as duas técnicas são irmãs. Mais: são gêmeas. Só que a do poeta está ainda mais próxima de Balaim.

Os temas de Portinari-poeta são os mesmos de Portinari-pintor: o “povoado” (Brodowski), “lugar arenoso no meio da terra roxa cafeeira. Imenso céu azul circula o areal. Milhares de brancas nuvens viajam”; a vida no povoado: “as festas, os bailes, as procissões e o sino repicando... Muito povo endomingado”; as “peladas” dos meninos no largo da Matriz ou junto ao muro do cemitério; de vez em quando um circo “com a sua iluminação de carbureto”. Havia alegria. Mas também havia medos. “As matas criavam histórias.” Havia “aparições”: “a porteira preta acolhia as assombrações”. Passavam muitos enterros: “Homens silenciosos e escuros, vindos de fazendas distantes, trazendo o caixão negro, cansados do longo caminhar”. Os espantalhos “lutando para que o arroz crescesse”. Os leprosos: “os rasgados e sem cara”, “criaturas espavorosas, carregando a lepra”. Os retirantes: “homens de enorme ventre bojudo, mulheres com trouxas caídas para o lado”, “olhos de catarata e pés disformes”. Tudo isso impressionava fundamente o menino, e muitos anos depois iria suscitar no homem feito “a revolta”, iria aproximá-lo do comunismo, que não penetrou em Portinari pela ideologia de Marx e Lenin, mas pela propaganda de Prestes saído da prisão e pregando a necessidade de distribuir terras aos camponeses miseráveis.

Ainda que Portinari não tivesse sido o grande pintor que foi, toda esta poesia seria válida pelo que ela encerra de aguda e generosa sensibilidade, de registro fiel da vida brasileira no interior. Assim é que tem ela duplo interesse e importância para nós: com valor intrínseco, fundamenta, explica, de certa maneira completa, a obra do pintor, a obra patética de um homem que viveu sempre, desde menino, “entre o sonho e o medo”.

Brilham Sinais

Marco Lucchesi

Manuel Bandeira foi quem melhor situou os escritos de Portinari. Não reduziu os poemas a meros satélites de sua obra principal. Antes, fixou passagens de alta densidade lírica, reconhecendo-lhe uma legítima herança memorial do Brasil: nos temas da infância que unem o menino impossível, de Jorge de Lima, ao menino de engenho, de José Lins do Rego. Infância pobre, entre os cafezais e o trem passando ao fundo, a visita do circo e os acrobatas. Os brinquedos improvisados, e poucos, autoproduzidos, bola, pião e bonecos. Portinari retratou essa infância, tão despojada e soberana, com aquele traço de dor, melancolia e solidão, que reconhecemos na tela e na página. Insuperáveis.

Brodowski foi o seu motivo de mudança ou de reconversão estética, quando voltou da Europa. “Bem maior foi meu mundo no/ Povoado e mais misterioso”, quando em “Certas noites de céu estrelado/ E lua, ficávamos deitados na/ Grama da igreja” ou, ainda, quando “Nas noites de temporal as/ Casuarinas choravam um choro triste”.

As lágrimas das coisas refletem-se neste diário poético, extremadas, até a dissolução daquele mundo que insiste, fantasmal, no poço da memória: “Tudo que me fez sofrer e me fez feliz não/ Existe mais./ Não irei ao povoado./ Não verei o trem e os zebus./ Não terei mais aquela luz/ Suave e repousante”.

O objeto perdido em Portinari deu-lhe o contorno do tempo e da luz, linha, volume e perspectiva. E porque as coisas se perderam, as árvores, as casas, o trem e os zebus, foi preciso recriá-las, na atmosfera do mistério da luz, de que Portinari era um iniciado. Mundo vibrátil, atravessado por uma piedade cósmica, em trânsito, do solitário ao coletivo: no jogo de futebol, nas cantigas de roda, no pião e no carneiro, cada qual com seus meninos, frágeis e altivos. Mesmo a visão ácida e mordente, na fome dos retirantes e nos trabalhadores do café, não perde a densidade lírica, ao mesmo tempo intensa e mitigada.

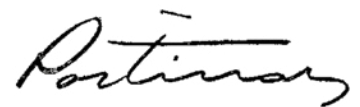
Eis a matéria de sua poesia. Não através da comparação dos meios expressivos e da possível solução de continuidade, entre a cor e a palavra.

Em vez de seguir o adágio *ut pictura poesis*, outro caminho se mostra mais aderente: Portinari como grande leitor de poesia, capaz de absorver os elementos fundadores da literatura brasileira no século xx, entre utopia e distopia, *Macunaíma* e *Vidas secas*, *Pasárgada* e as *Gerais*. Suas ideias se confundem com a nova geração de poetas, a mesma angústia, o mesmo desejo de reparação, com um sotaque existencial.

Despontam aqui os poemas que ditou, com aquele sentimento do mundo, por onde brilham sinais de ausência e nostalgia entre os mortais, para tornar, quem sabe, algo mais leve o canto de nosso destino.

*Espio as sombras se arrastarem
Homens rudes e outros frágeis
Carregando nos ombros o volume
Pesado deste mundo.*

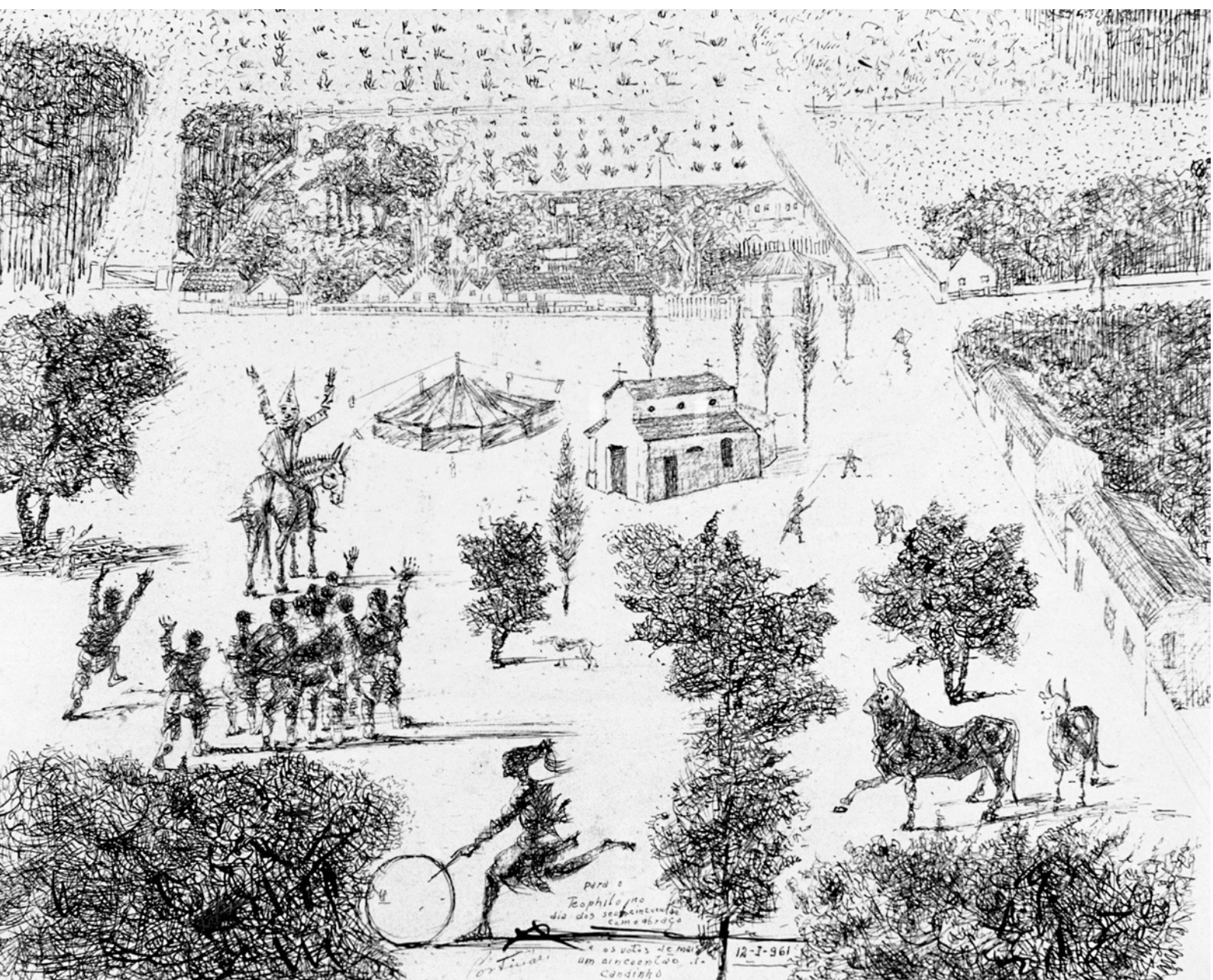
*Quanta coisa eu contaria se pudesse
E soubesse ao menos a língua como a cor.*

A handwritten signature in black ink, reading "Portinari". The script is fluid and cursive, with a prominent horizontal stroke across the middle of the name.

Bordo do Conte Grande,
25 de outubro de 1958

O menino e o povoado





Fizeram uma parada, uma parada
Para o trem carregar café,
Antes, estradas difíceis, só carros de bois
Transitavam, levando dias e dias.
Depois, uma casa aqui, outra ali.

Formaram o povoado. Não
Há rio, nem pedras.
De tijolos caiados e telhas antigas
São as construções; de taipas e
Arame farpado, os divisores.

Lugar arenoso no meio da terra roxa
Cafeeira. Imenso céu azul circula
O areal. Milhares de brancas nuvens
Viajam. Caravanas luminosas
Em movimento. O mais solitário, ali
Deixaria de sê-lo. Toda essa fagueira
Companhia. Alegre e promissor
Futuro...

As festas, os bailes, a banda de música
Procissões e o sino repicando...
Muito povo endomingado
Noites enluaradas e todas as estrelas
Eram mais claras do que os dias nos outros povoados.

*Praça de Brodowski – 1956
Desenho a nanquim
bico de pena/papel
Brodowski, SP
28 × 36 cm
Coleção particular*



Antes da luz e da água encanada,
No povoado havia lamparina
E cisterna; dez a quinze metros
Para encontrar o líquido.

Os circos traziam iluminação
De carbureto. Próximos
Dos elementos. Quantos vendavais e
Chuvas de granizo!

Moinhos de garapa,
Feitos de madeira — canaviais
E matas virgens com seus pássaros e
Frutas. Consumiram

Tudo e mais as lendas. Onde
Estarão os jacus e as pacas?
Os jenipapos e jatobás?
As estradas cortando as

Matas criavam estórias
E medos. Os caminhos
Também fugiram. Olhando
O céu, às vezes os vejo transformados em nuvens.

*Circo – 1941
Desenho a guache e
nanquim pincel/papel
Washington, DC, EUA
25 × 28,5 cm
Coleção particular*

Sai das águas do mar
E nasci no cafunço de
Terra roxa. Passei a infância
No meu povoado arenoso

Andei de bicicleta e em
Cavalo em pelo. Tive medos
E sonhei. Viagei no espaço
Fui a lua primeiro do espantoso

Comunhei
~~Fui~~ além muito além para
Lá do ^{paraíso} paraíso. Dei de para-quedas
Atravessei o arco-íris cheguei
Nos olhos d'água antes do só nascer

Saí das águas do mar
E nasci do cafezal de
Terra roxa. Passei a infância
No meu povoado arenoso.

Andei de bicicleta e em
Cavalo em pelo. Tive medos
E sonhei. Viajei no espaço.
Fui à lua primeiro do que o *Sputnik*.

Caminhei além, muito além, para
Lá do paraíso. Desci de paraquedas,
Atravessei o arco-íris, cheguei
Nos olhos-d'água antes do sol nascer.



Nasci e montei na garupa
De muitos cavaleiros. Depois
Montei sozinho em cavalo de
Pé de milho. Fiz as mais

Estranhas viagens e corri
Na frente da chuva durante
Muitos sábados. Dava poeira
No trenzinho de Guaivira.

Paco espanhol era meu parceiro.
Vivíamos apavorados com os
Temporais — pareciam odiar
Aqueles lugares...

Vinham ferozes contra as
Sete ou oito cabanas
Desarmadas.

Meninos a cavalo – 1959
Gravura a água-forte
e água-tinta/papel
Rio de Janeiro, RJ
22 × 18 cm
Ilustração do livro
Menino de engenho,
de José Lins do Rego
Coleção Sociedade dos
Cem Bibliófilos do Brasil



so meu
Casi um grande
abraço pelo dia de hoje
J. T. 22-Fev 61

Num pé de café nasci.
O trenzinho passava
Por entre a plantação. Deu a hora
Exata. Nesse tempo os velhos
Imigrantes impressionavam os recém-chegados.
O tema do falatório era o lobisomem.
A lua e o sol passavam longe.
Mais tarde mudamos para a Rua de Cima.
O sol e a lua moravam atrás de nossa
Casa. Quantas vezes vi o sol parado.
Éramos os primeiros a receber sua luz e calor.
Em muitas ocasiões ouvi a lua cantar.
Esmerava-se para aparecer nitidamente
Redonda. Ficava espiando do nosso maracujazeiro.
Surpreendido, vendo São Jorge à paisana,
Pensei pedir-lhe o cavalo emprestado.
Não me animei. A lua estava de vestido de
Noiva. Os sinos começaram a badalar.
As gentes acudiam, era a missa do galo.
Os dos sítios do Adão e dos olhos-d'água
Lá estavam desde cedo.
As estrelas baixaram iluminando o lado
De fora da igreja, onde se aglomeravam
As gentes, os cães e os animais de
montaria.
O Dragão veio se chegando de chinelos...

*Café – 1957
Desenho a grafite/papel
Rio de Janeiro, RJ
36,6 × 51,1 cm
Estudo para a pintura
Peneirando café
Coleção particular*



Minha memória já não alcança
Aqueles cafezais. Começa
No passado. Antes há lembranças entrelaçadas
E sonhos. Mesmo se prolongando

Até lá, vejo esfumado.
Os sonhos se repetem?
As nuvens no céu?

A água do rio terá a
Mesma medida? Ou a mesma cor?
Sofrerá a água?
Correr, correr sempre, e ter olhos

Para ver como quiser: ver a
Estrada azul voar no espaço
Como a brisa e disparar
No cavalo branco sem se importar
Para onde.

Colheita de café – 1956
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
81 × 100 cm
Coleção particular



Amanhecer alegre nas festas
Da fazenda. Preparavam
Os cavalos atrelando-os aos
Troles. Iam buscar a música.

O baile dessa vez não era
De sanfona. O dono era
Importante. O córrego estranhava
Ter de refletir tantas gentes e animais.

Fogueiras, quentão e rapadura.
As moças endomingadas valiam-se
De Santo Antônio. O céu estava
Completo e nítido. Cada um esperava

Sua alegria — para a maioria não
Vinha — o vento a conduzia para
Outras terras, às vezes, olhando à toa,
Vejo passando qualquer coisa branca.

É uma alegria sem destino
Ou uma estrela morta. O som da
Música do baile vaga no espaço
Ou no assobio dos namorados.

Noite de São João – 1957
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
58 × 71 cm
Coleção particular



Distante o mais longe na memória
A casa velha, o coqueiro solitário.
No amanhecer do orvalho
Moravam os donos do gado.

Era em algum lugar numa
Estória de Dona Iria ou dentro
Da chuva. Não havia lua e nem
Sol. Qualquer coisa branca e azulada.

Não sei o que está preso
Em mim: lembrança fixada
Em meus olhos. Se não penso,
Ela surge. A cor da porta e

Da janela perdi e nunca mais
Achei. Contento mesmo assim,
Em sonhos vejo tudo e
A porta e a janela — mas em preto e branco.

Moça – 1940
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
40,5 × 30,2 cm
Coleção desconhecida

Do sol dos sábados chovia alegria
Endomingava as árvores e toda
A natureza. Na varrição dos terreiros
Se ocupavam todos da família.

Em seguida, dos milhares de
Montículos a fumaça subia e
Se transformava num coro de anjos.

De volta à casa
Passava um ou outro trole
Ou cavaleiro vindo das fazendas.

Na pracinha frangos e perus
Ciscavam. Cães e cabritos circulavam
Indecisos e amedrontados.

Não há mais fumaça de anjo
E nem varrição de terreiro.
Do sol nunca mais choveu.

As porteiras nos caminhos
Tortuosos e semelhantes às covas
Do cemitério. Porteiras rangendo
Ou batendo. O eco rápido

Comunicava-se até para lá do
Longe. Silenciosas quase sempre.
Raros caminantes. Cores diversas.
As mais próximas das fazendas
Alegravam-me sempre,
A porteira preta acolhia
As assombrações, a coragem
Ao avistá-la fugia no espaço.

Outras tão alegres, preferidas
Dos pássaros. Podiam morar
Ali. Nenhum de nós tocava nos ninhos.

O som das porteiras distantes que estão dentro de mim...



PORTINARI
933

Festas, procissões, banda de música,
Leilões de prendas e o repique dos sinos,
Passeio na retreta, moças bonitas,
Todos com suas melhores roupas.

Na plataforma da estação
Esperávamos a chegada do trem
Talvez viesse qualquer coisa
Para nós: um volume de alegrias. Como

Era imenso o pequeno povoado!
Cada um de nós tinha namorada,
Mesmo sem ela saber.
Nos bailes nossos olhos acompanhavam

A mais bela. Quando tudo terminava,
A tristeza descia sobre nós...
Só nos restava a
Volta do coreto nos domingos.

Badalava a hora da reza.
Melancólicos, éramos obrigados a ir embora.
Como demoravam passar os dias!
As moças das fazendas só viriam no ano próximo.

*Festa em Brodowski – 1933
Desenho a aquarela, guache
e grafite/papel pardo
Brodowski, SP
33 × 51 cm
Coleção particular*



Com os pés e os lábios rachados
Pelo frio do inverno, saíamos
Ao encontro dos companheiros,
Mesmo quando a chuva monótona
Invernava.
Íamos ver os ninhos de
Passarinhos, cada um zelava
De uns quantos. Nenhum os maltratava.
Levávamos alimentos para eles
Distribuíamos arapucas pelo pasto.
Assim brincando, crescíamos.
O vento passava sem destruir nada.
Voltávamos correndo,
Íamos
Nos aquecer perto do fogo,
Que nessa estação
Permanecia aceso.
Fazíamos pipoca. Às vezes,
Confortados adormecíamos.

*Menino com passarinho
e arapuca – 1959
Pintura a óleo/madeira
compensada
Rio de Janeiro, RJ
167 × 68 cm
Coleção particular*



A madrugada conta-me sempre, e
Sempre não entendo. Talvez
Sejam avisos do mal que me sucede.

As chuvaradas de meu
Povoado... Estas nos traziam tanta alegria!
Patinhávamos na enxurrada.

Todos nós saíamos à rua
Felizes em nossas roupas molhadas.
As madrugadas daqueles tempos

Eram raras. Despertávamos
Ouvindo o canto dos carros de bois.
O sono nos largava, ficávamos

À espera do clarear do dia
Para sairmos. Os sons
Longínquos ou próximos

Faziam-nos palpitar. Por onde
Andarão aquelas madrugadas?

Tempestade – 1943
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
61,5 × 74 cm
Coleção particular



Galopei o vento e também
Tornei-me invisível. Chegando
Aos olhos-d'água, fui derrubado
Na lagoinha. Fiquei todo molhado.

Sentei-me na pedreira, defronte
Do sol. Enxuto, voltei a pé,
Passei pelo matadouro e
Espiei nosso rio de nadar.

Existirá ainda? Dali olhava
Os bois colados no monte.
Não se apagará de minha retina
A casa branca dos bexigentos.

Entrava em meu povoado,
Atravessava-o para chegar
Em casa. Sempre
A alegria da volta compensava.

O medo de viajar sozinho...
Como está longe e apagado
Esse viver feliz! O sol, a lua,
As estrelas, as flores e os pássaros
Mostravam-se grátis.

Noite em
Brodowski – 1955
Desenho a crayon
colorido e grafite/papel
Local desconhecido
20,5 × 27,5 cm
Coleção particular

Parecia chuva de ouro
Que a locomotiva nas noites escuras espalhava,
Enchendo o espaço de fagulhas.
Feérico e inesquecível – nem o céu estrelado
Dava aquela sensação de glória
Ao coração fremente. Sentimento
De ternura...
Desejava abraçar os viajantes,
Desejar-lhes felicidades.
As casinhas de beira da estrada, mal percebidas
Apenas pelo tênue fio dum luzezinho...
Ternura para seus habitantes...
Minha paisagem se distanciava.

Vi um pé de alecrim no campo dos zebus.
Alecrim, alecrim, filho da rosa e do cravo,
Vem ajudar-me a encontrar meu amor.
Vamos primeiro ao mar, depois subiremos
A montanha. Se o encontrarmos, te darei, te darei...



As mangueiras ramalhavam
E agitavam os corações acesos
Que as enfeitavam. Velhas
Mangueiras de minha infância...
Eram as babás dos meninos
Pobres como eu. Floriam e
Ninguém lhes atirava pedras.
Das flores nasciam os coraçõezinhos
De verde limpo, sem o pó das
Velhas folhas espalhado pelo
Vento. Estas, tão abundantes,
Serviam de escudo. Os corações
Em sua plenitude luziam ao longe.
Às vezes choravam lágrimas
Resinosas.

Nonna encaixotando
mangas – c. 1956
Desenho a grafite/cartolina
Brodowski, SP
36,4 × 51 cm
Coleção particular



Dona Iria portuguesa
Contava-nos estórias.
Quando o sol descia,
Estávamos todos em sua

Casa. Que lindas eram!
Cada um de nós se imaginava
O herói. Estão em minha
Lembrança — embaralhadas.

Para nós Dona Iria era a melhor,
A mais importante.
Veio a geada e
Queimou todos os cafezais.

Eu ouvia os comentários dos adultos.
Meu pai falou em crise.
Pedi a Deus que não deixasse
Pegar em Dona Iria aquela doença.

Mulher dançando – 1939
Gravura – monotipia/papel
Rio de Janeiro, RJ
32 × 24 cm (aproximadas)
Coleção particular



À noite, viajando pela estrada solitária montando
O Negrinho, sentia uma sensação de paz.
As estrelas cintilavam clareando a campina.
O céu, com seus milhões de lumes,
Tirava da penumbra vultos de formas variadas.
Assim, acompanhado, o medo não viria.
Oh!, estrada do paraíso! Teria cortejo de anjos?
Que tranquilidade! Sentia a erva
Crescer, os pássaros imóveis em seus ninhos.
Acompanhava-os o silêncio. Não sabia onde ia
Meu cavalo, mestre em andanças, enxergava
Mais à noite. Respirando a brisa amena, ia
Pensando: Por que não morrer
Ali no caminho do céu?

*Cavaleiro da lua
cheia – 1942
Pintura a óleo/tela
Brodowski, SP
46,5 × 55,5 cm
Coleção particular*



Se eu soubesse por onde
Anda o som do sino
Nas alvoradas do dia de
Festa de Santo Antônio!

Perguntarei ao vento, que
Invisível galopa por esses
Mundos e sempre passa por
Meu povoado. Existirá

Ainda? Ou transformou-se
Em arco-íris? As andorinhas
Enchiam a praça da Igrejinha.
Seu chilrear acompanhava
O repique do sino de minha
Infância.

*Santo Antônio – 1942
Pintura a óleo/tela
Brodowski, SP
200 × 78 cm
Coleção Igreja de Santo
Antônio, Brodowski, SP*



Na pracinha de Santo Antônio
Havia um morto abandonado
Ninguém sabia quem o tinha
Largado ali. Era um preto já

Em decomposição. Talvez
Um órfão vindo das bandas
Do Triângulo para ser matado.
A vida nada valia ali.

Haveria interesse em conhecer o matador?
O vento e a lua não contariam.
A noite negra e os raios assistiram.
Na terra molhada havia,

Por todos os lados, rastros de pés
Semelhantes. Depois de alguns
Dias o enterraram. Não tocaram
O sino. Lá todos têm o mesmo pé.

*Cena da infância
do artista – 1956
Desenho a nanquim
bico de pena/papel
Brodowski, SP
26 × 39,4 cm
Coleção particular*



Para Gerda com a
vota de feliz aniversário
de
Manuel

10.6.58

Aos sete ou oito anos tive
Uma namorada branca, branca.
Nunca lhe disse uma palavra.
Nos víamos à saída da escola

Ou aos domingos na Igreja.
Ela sabia. Ficava vermelha
Quando os meninos diziam
O nome dela. Ao sol ela doía na vista,

De tão branca e luminosa.
Depois nunca mais a vi e
Nem lhe ouvi o nome.
Namorei tantas meninas e
Ninguém soube.

Sofria e sonhava. As tardes
Na hora do trem chegar
Passava milhares de vezes
Em frente à casa dela. Atrás
De minha retina estão todas as casas...

*Menina das
trancinhas – 1958
Desenho a grafite,
crayon e lápis
de cor/papel
Rio de Janeiro, RJ
22,2 × 17,7 cm
Coleção particular*



As roseiras estão em flor? Quanta rosa nas
Roseiras lá de casa! Todos vinham pedir rosas
Por mais que levassem, mais havia
As roseiras estiveram presentes desde
O meu nascimento. Minha mãe cultivava-as
Ficava lisonjeada quando pediam. Havia outras
Flores. Sua preferida era a rosa.
A idade não lhe permite mais esse prazer.
Também com a idade as roseiras não dão
Mais rosas.
Com elas se apagou parte
De minha vida feliz...

*Flores – c. 1944
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
74 × 60 cm
Coleção particular*

Nem vi o mar e nem as árvores.
A cegueira escureceu-me
A imaginação. Ouço o sino de onde?
Badala até chegarem ao cemitério.
Enxergo somente reproduções.
Algumas em cores, outras em branco e preto.
Carrego-as dentro de mim.
Não ouço vozes e nem barulho.
Ainda estarei neste mundo?
Lembro-me dos azuis nas
Montanhas e das águas
Pardacentas dos córregos do povoado.



O matadouro ficava a uns cinco quilômetros.
Íamos em grupo nadar no córrego barrento.
Quando abatiam o gado, ele recebia toda a sujeira.
Entretinha-me a olhar as montanhas, os animais
Colados a elas ou gravados. A água
Turva corria entre touceiras de barba-
De-bode, um ou outro arbusto retorcido e dourado
Pelo sol. A estrada era movimentada. Em casa
Sabiam de nossa escapada e desobediência. Quando
Algum mais tímido propunha a volta todos respondiam:
— Vamos apanhar mesmo, aproveitemos até ao escurecer.
Mais adiante ficava a fazenda dos olhos-d'água.
Mais para frente era o fim do mundo.

Meninos nadando – 1955
Desenho a grafite e
lápiz de cor/papel
Brodowski, SP
34,3 × 48 cm
Coleção particular



Já na fila
Da última viagem,
Dói-me deixar-te.

Meu espírito estará perto.
Talvez juntos iremos à
Montanha à procura das nascentes.

Olharemos as pedras e os
Rios; te recordarás de mim?...
Dá um nó em tua blusa.

Só neste quarto,
Faço uma incursão no
Passado. Vejo-me armando arapuca,
Sou o prisioneiro eu mesmo.

Houve alegrias,
Misturadas com sarampo.
Quebrei a perna ao chegarem.

Mas tudo se iluminou: a lua
Branca sorria. Acenavam-me as gabirobeiras:
Em cada uma eu via a tua imagem...

*Menino sentado – 1933
Pintura a aquarela
e grafite/papel
Brodowski, SP
16,5 × 20,5 cm
Coleção particular*

Eu lidava mais com os
 Bichos, as árvores, as águas,
 O céu estrelado e o vento...
 Também com a minha botinha e meu
 Chapéu: existirão ainda?

Mais tarde tratei com os
 Homens: e a tristeza veio e
 Permaneceu — nunca mais me alegrei.

Na infância amei uma coisa branca
 Esperava-a nas esquinas
 Pressentia-a de longe.
 A lua de São Jorge alumiaava
 A estrada para ela.

Tempestade - 1943
 Gravura a água-forte/papel
 Brodowski, SP
 25 x 19,5 cm
 Coleção desconhecida





Nas noites estreladas nada ouvíamos. Dos sentidos
Só os olhos agiam e anulavam os outros.
O mau tempo trazia a escuridão e a tristeza.
O sino da cadeia dava as dez pancadas
De medo. Seriam os lobisomens?

Às dez em geral dormíamos, o trovão e as faíscas traziam
Inquietação. Sem coragem de sair à rua
Ou ao quintal. Sobressaltos até ao amanhecer.
O vento zunia. Estaria furioso?
Depois de dado o toque de recolher
Os dois únicos soldados do povoado patrulhavam ligeiros,
Batendo os sapatos no solo. Longe cães ladravam
Voz de carreiro atrasado pelo encalhe interrompia o
Silêncio, chamando os lindos nomes dos bois de seu carro.
A quietude permitia ouvir nitidamente seus resmungos.
Vinhão desde a lonjura sobre o vento...



As viagens de trem foram as melhores.
Olhando as árvores, as casas, os animais e
Os fios telegráficos, ia sonhando.
As paisagens e seus habitantes
Vistos dali pareciam contentes...
Tudo endomingado. Apreciava o
Ruído do trem. Nas paradas, nas
Pequenas estações, lá estavam os
Mendigos, cegos ou sem perna, os
Meninos apregoando alguma coisa e as
Filhas do chefe vendendo café em
Uma janela. Mocinhas nascidas
Ali, ansiosas por respirar outros
Ares. Tristes, mas esperançosas.
Talvez seus sonhos se realizassem...
O sonho era um príncipe. Ele não
Viria. Elas seriam logradas, mas
Era bom morrer
Sonhando com o príncipe.

*Paisagem – 1943
Pintura a óleo/madeira
Brodowski, SP
25,5 × 31 cm
Coleção particular*



Sentia-me feliz quando chegava um circo.
Vinha de terras estranhas.
Todo o meu pensamento se ocupava dele.
O palhaço, montando um burro velho, fazia
Reclame com a meninada acompanhando.
Eu assistia ao espetáculo e apaixonava-me pelas
Acrobatas de dez a quinze anos. Fazia
Planos para fugir com elas. Nunca lhes falei.
Por elas tudo em mim palpitava.
Minha fantasia,
Voltando à vida real, entristecia-me. Não era eu
Um príncipe? Nada disso. Roupas baratas,
Pobreza... Até as flores lá de casa pareciam
Murchas e sem perfume. Só nos achávamos
Bem rondando o circo. Quando partia para outra
Localidade, eu sentia tanta tristeza, chegava ao desespero,
Chorava silenciosamente; desolado ia ver o trem
Passar na direção onde estavam as acrobatas.
Talvez pensassem em mim
O trem seria meu emissário.
Nos encontraríamos mais
Tarde... O tempo deixava pequena lembrança
Até a chegada de outro circo...

*Circo – 1933
Pintura a óleo/tela
Brodowski, SP
60 × 73 cm
Coleção particular*

Passaram os acontecimentos;
Só não passam os sonhos. Tão
Reais que ninguém saberia distingui-los
De coisas acontecidas. Sentávamos ao
Redor do fogo nas manhãs frias, na
Colheita do café. O céu cobria-se de
Luzes nas noites geladas. Deitado
De costas, maravilhado, olhando,
Pedia a Deus para morrer.
Tinha perto de sete anos, seria
Anjo. Depois dos sete nem caixão azul
Teria. Por onde andais, meus sonhos?
Voltarei a sonhar? Estarei sonhando?

*Menino de Brodowski – 1946
Desenho a óleo/papel
Brodowski, SP
Dimensões desconhecidas
Coleção desconhecida*



Terei vivido muitas vidas?
Tantas recordações baralhadas!
Quando eram sonhos? Quando, realidade?
Posso me ver no longe muitas vezes,
Tão remoto e tão rápido...
Meus chapéus, minhas camisas,
Onde estarão?
O sol e o cheiro da terra...
A Rosona, velha imigrante, com
Seu lenço amarelo e preto...
Para vê-la atravessava-se o cafezal
e um córrego. Passarinhos...
Era a avó do primo Júlio.
A mula sem cabeça, o lobisomem
São desse tempo. Mais distante
A casa, o coqueiro grande.
Madrugada orvalhada e cheirosa...

Nos olhos-d'água
A sanfona do Gorbelin se ouvia
A noite inteira. Namorados
No baile. Um ou outro saía
Para o escuro e ficava olhando o firmamento
E as estrelas. O gado pastava
Silencioso.

Bem maior foi meu mundo no
Povoado, e mais misterioso também.
Nossa banda de música, com tampas
De panelas, e flautas de bambu,
E pífanos de canudo de mamoeiro...
Marchávamos pelas ruas do povoado.
Em cada um de nós havia um general
Comandante. O entusiasmo
Nos fazia tremer. Os cães amigos
Nos acompanhavam, pareciam
Sonhar também...

*Coro de anjos – 1944
Desenho a nanquim bico de
pena e lápis de cor/papel
Petrópolis, RJ
19,7 × 15,5 cm
Estudo para o painel de
azulejos O Batismo de Jesus
Coleção particular*



Escola
PAMPULHA

Para Gerda,
Pelo dia de hoje,
com a amizade
de Portinari
10-VI-261

Ca

Pedi ao anjo asas emprestadas. Sobrevoei
meu povoado. Irriguei as plantações com minhas
lágrimas
Pensei na felicidade perdida.
Não há ali mais nada.
Tudo que me fez sofrer e me fez feliz não
existe mais.

Não irei ao povoado
Não verei o trem nem os zebus.
Não terei mais aquela luz
Suave e repousante. Nossa
Casa é um túmulo vazio
As mangueiras e todas as árvores
Estarão petrificadas?
Tive muitos chapéus,
Nunca mais os vi, onde estarão?
O meu galo-da-índia arroxeadado
E briguento ficou por lá.
O meu canivete de cabo de madrepérola
Sumiu há muitos anos.
Haverá nos ventos algum ladrão?
Tudo que tive sumiu.
Sumiram as brancas nuvens daquele tempo,
Sumiram as fogueiras de São João,
Sumiram a maioria dos meus amigos,
As músicas da sanfona do Gorbelin.

Nas noites de temporal as
Casuarinas choravam um choro
Triste, triste e o sino tocava
Sozinho na igreja deserta

Alguns cavalos amedrontados
Galopavam sem direção...
Inquietantes barulhos vagavam no
Espaço. Gotejava em todos os aposentos.

Refletiam as vidraças quebradas
Os canteiros verdes e as flores
As chuvas miúdas das invernadas
Monótonas e mansas valorizavam as cores

A neblina nossos olhos entupia
A boca com surpresa nos fumegava
Ao redor tudo se transformava não era o que se via.
A terra o fumo engolia e não enxergava

Ao que era tudo voltava
O sol lá longe nas alturas iluminava
Suave através de densas camadas
As nuvens que se esgarçavam esbranquiçadas

A luz do sol filtrava
Exuberante a pequena erva se engalanava
A natureza movia-se encantada
Da neblina e da chuva suavemente peneirada

Os temporais naqueles tempos de
Minha infância!
Alguém doente pediu
Guarda-chuva; não havia mais telhado
Os estragos eram muitos
Os animais espavoridos fugiam
O entardecer sem sol e a noite
Escura, sem lua e sem estrelas
Era triste
Os córregos com suas águas turvas
Inundavam as plantações.
Chegavam para serem enterrados
Os mortos pelos raios da véspera.

Era um imprevisto favorável. O mar
Nos liga. Ouço tua voz de menina soando
Em meu ouvido como música do céu.
Quanta ternura...
Dorme e dá-me tua alma por uns instantes
De mãos presas iremos na alvorada,
Ver os eucaliptos ao lado da
Velha casa abandonada. Prosseguiremos
Conversando lhe direi como não cessei
De pensar e mesmo no
Sono sonho contigo.
Não falarei de tua pele, de teus
Cabelos, de teus lábios e de teus olhos
Fundos...



A lua vestia-se de noiva,
Quando aparecia nítida,
Nas festas do céu.
Vinha pela metade

Nos outros dias
Não era tão branca
e às vezes rasgada
Ou inapercebida. Assim São Jorge

Não viajava.
Ele, o cavalo e o dragão
Não cabiam.
O foguete desrespeitou-a não vem mais
vestida de noiva.



São Jorge – 1943
Pintura mural a têmpera
Brodowski, SP
61 × 244 cm
Coleção Museu Casa de Portinari, Brodowski, SP

Não tínhamos nenhum brinquedo
Comprado. Fabricamos
Nossos papagaios, piões,
Diabolô.
A noite de mãos livres e
pés ligeiros era: pique, barra-
manteiga, cruzado.
Certas noites de céu estrelado
E lua, ficávamos deitados na
Grama da igreja de olhos presos
Por fios luminosos vindos do céu
era jogo de
Encantamento. No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Aonde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa?
Os medos desapareciam.
Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranquilos...

*Crianças brincando – c. 1957
Desenho a grafite/papel
Rio de Janeiro, RJ
29 × 42 cm
Coleção particular*



Quanta esperança naquele
Tempo. Das manhãs de neblina
No pasto os potrinhos fogosos se assustavam
Nos assustando. A fumaça se ia

Voltaria no outro inverno?
O fumo saía de nossas bocas
Sensação de homens crescidos...
Os córregos fumegavam também

Mundo de alegrias ao lado dos
Elementos. O céu era logo ali
O lugar mais distante o Furquim
Além do arraial do Silva...

Os zebus pastavam nos campos
De capim-gordura e barba-de-bode
As perdizes nasciam ali e
o grito da seriema ecoava longe longe...

Mais do que o apito do trem
Onde estarão acumulados?
Os periquitos só apareciam no
Poente. Passavam nas alturas em formação

Velozes
Volteavam e desciam sobre os
Coqueiros. Antes do escuro chegar
Todos novamente disciplinados evoluíam
Desaparecendo no espaço.

*Casamento em
Brodowski – 1956
Desenho a lápis cera,
crayon, crayon colorido
e grafite/papel
Brodowski, SP
36,5 × 44,8 cm
Coleção particular*

Quando o crepúsculo tingir as últimas
Nuvens haverá o dia de lua. Só os simples
Se alegrarão.

As estradas brancas, as montanhas recostadas no
Céu, os animais e toda a criação do Universo
Ficam plantadas ali. Paz repousante,
Movem-se suavemente as folhas, e os pássaros.
A luzinha na casa do lavrador, lá longe nos faz
Imaginar: “Como são felizes aqueles”... O gado
Ajeita-se para o descanso. O Senhor parece
Abençoar, fica de vigília a noite toda. As
Nuvens se dissolvem, a lua dirige
A noite. O pequeno riacho serpenteando vagaroso
Acompanha a beleza do DIA DE LUA



Conhecia tão bem aqueles
Caminhos e lá chegando não os
Encontrei – desapareceram
Quis ver a “arvronta” da infância
Interroguei aos daquele tempo
Nem sabiam do que se tratava
Não perguntei mais.
Desde esse tempo peguei tristeza
Existia?
Ou sonhei. Também não vi
As estrelas no céu
Os vaga-lumes acesos
Clareavam os trilhos
Na escuridão tropecei
Desmancharam-me
E não me posso mover

A terra vermelha de Jardinópolis
Era impalpável. Os filhotes do vento
A levantavam atirando-a em
Tudo. Os habitantes não usavam

Sapatos e nem roupas brancas. Quando a ventania
Passava por lá fechavam-se
Em casa. De povoado arenoso
invejava-os crente em sua superioridade.

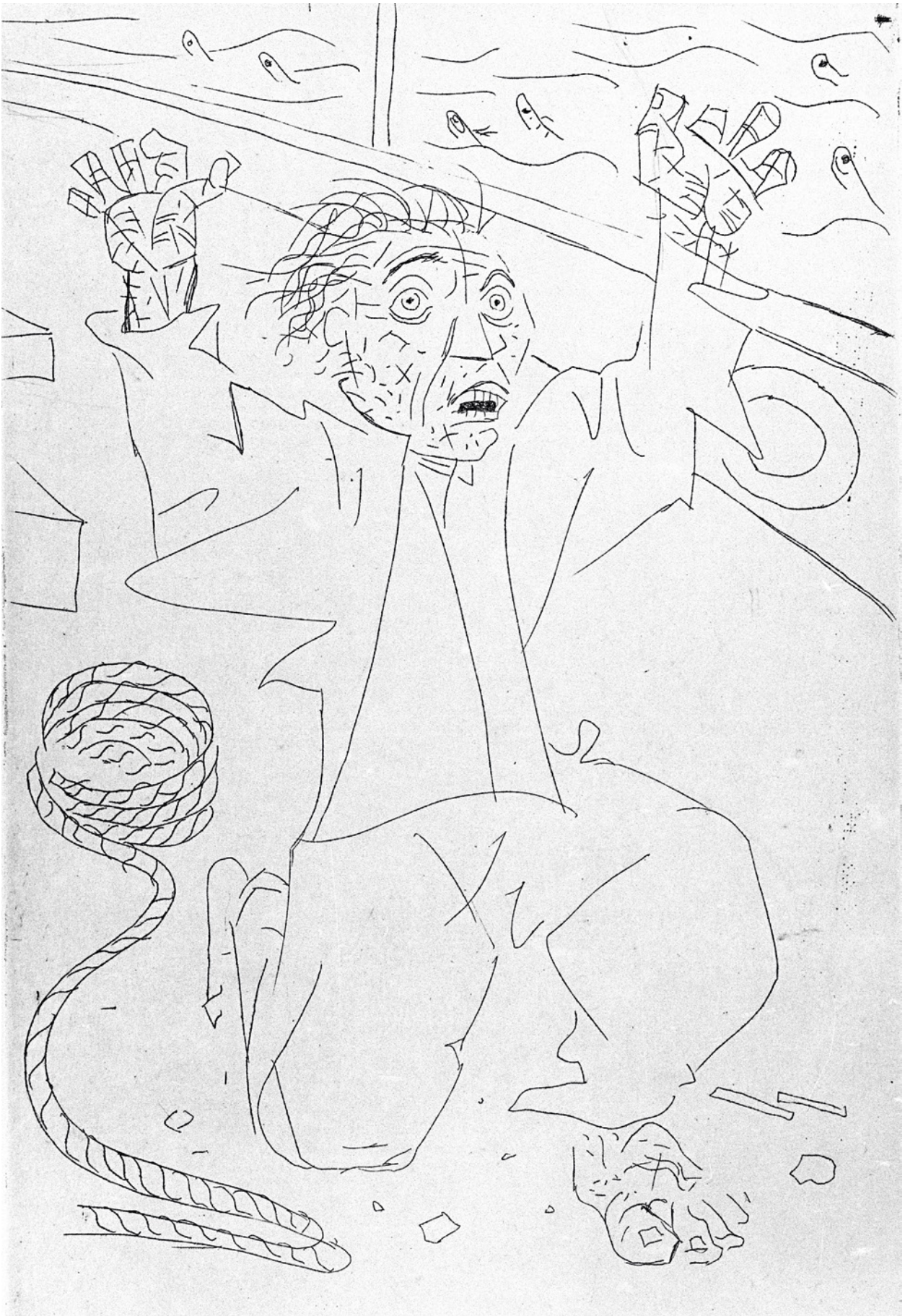
Zangávamos com
os forasteiros por gritarem, na partida do trem:
Voltaremos
Para tomar banho de areia

Gostava daquela cidadezinha
Avermelhada de minha avó e tios
Visitava-os sempre
Era a minha Jerusalém

Quanta alegria esbanjei ali
Muitas moças e mais belas, olhava-as
Mas ninguém me via. Se uma delas
Pousasse os olhos em mim perderia os sentidos...

Aparições





As ventanias, à noite,
Davam-nos um medo, um medo
Comprido. Elas traziam todas
As assombrações. As árvores

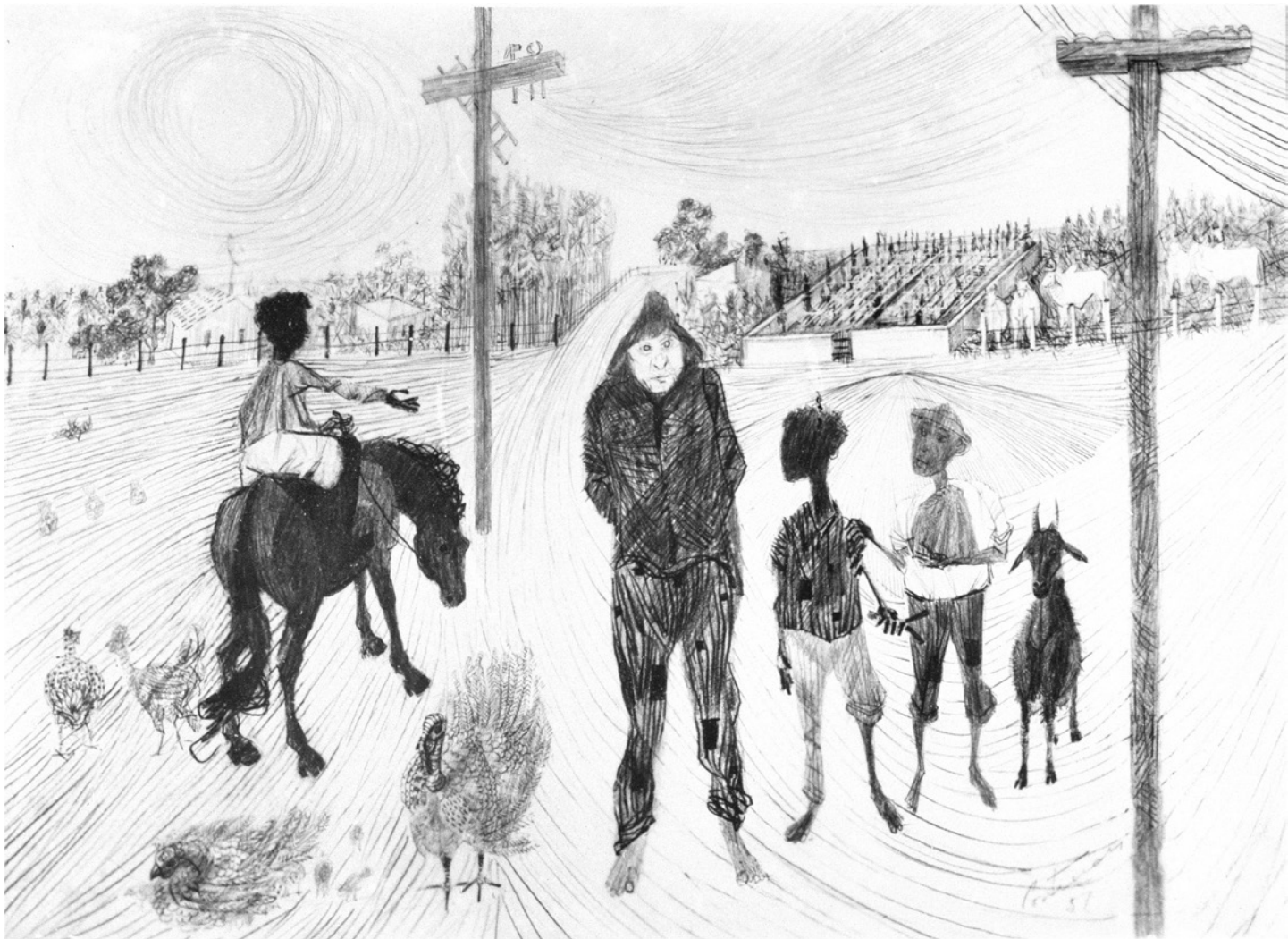
Retorciam-se e assobiavam
Forte. Nossas
Casas frágeis, muitas vezes
Eram destelhadas. Ninguém

Dormia. Os relâmpagos
Pareciam serpentes endemoniadas
Pegando fogo. Ao amanhecer
A claridade trazia-nos alegria,

Mesmo que os estragos fossem
Grandes. Quase sempre lamentávamos
A morte de um pinto ou a
Ausência do cabritinho.

Nunca mais vi o vento.
Seria um bando de almas penadas
Em fúria? Ou a queda de alguma
Estrela?

A Bordo – 1943
Gravura a água-forte/papel
Rio de Janeiro, RJ
27,5 × 19 cm
Ilustração do livro *Memórias
posthumas de Braz Cubas*,
de Machado de Assis
Coleção Sociedade dos
Cem Bibliófilos do Brasil



Muito branco, macilento, uns fiapos
Alourados no bigode. Roupas sem cor,
Desbotadas. Emitia alguns sons.
Chapéu afunilado e roto.

Sempre trazia as mãos atrás das
Costas. Entrava em algumas casas
E se dirigia à cozinha. Alimentava-se
Os meninos o

Acompanhavam. Tinham pena dele
Tinham-lhe simpatia. Às vezes ia pelas
Estradas e voltava depois de três
Ou quatro dias todo avermelhado

Da terra das fazendas de café.
Ângelo bobo era irmão de todos.
Um dia caminhou, caminhou,
Foi até o fim do mundo.

Ângelo Bobo – 1957
Desenho a grafite/papel
Brodowski, SP
34 × 48 cm
Coleção particular

Montado no galho de uma árvore do pasto
Tocava bombardino. Os anjos dos arredores
Vinhavam me acompanhar com seus violinos
Os bois se aglomeravam silenciosos
Para nos ouvir. O sol retardava
A descida e a lua se avivava.
Minha alegria era imensa. Aos poucos vinha
O escuro, me amedrontava, e os anjos
Se iam. A música cessava. Os bois,
Um atrás do outro, tomavam seu trilho.
Sozinho tratava de sair, assobiava
Ligeiro e forte, numa carreira chegava
Em casa. A luz mortiça do lampião
Projetava nas paredes sombras
Movediças e inquietantes.
Nessas noites ficava com os nervos
Expostos, qualquer ruído me atemorizava.
Nunca mais vi os anjos e nem o bombardino.

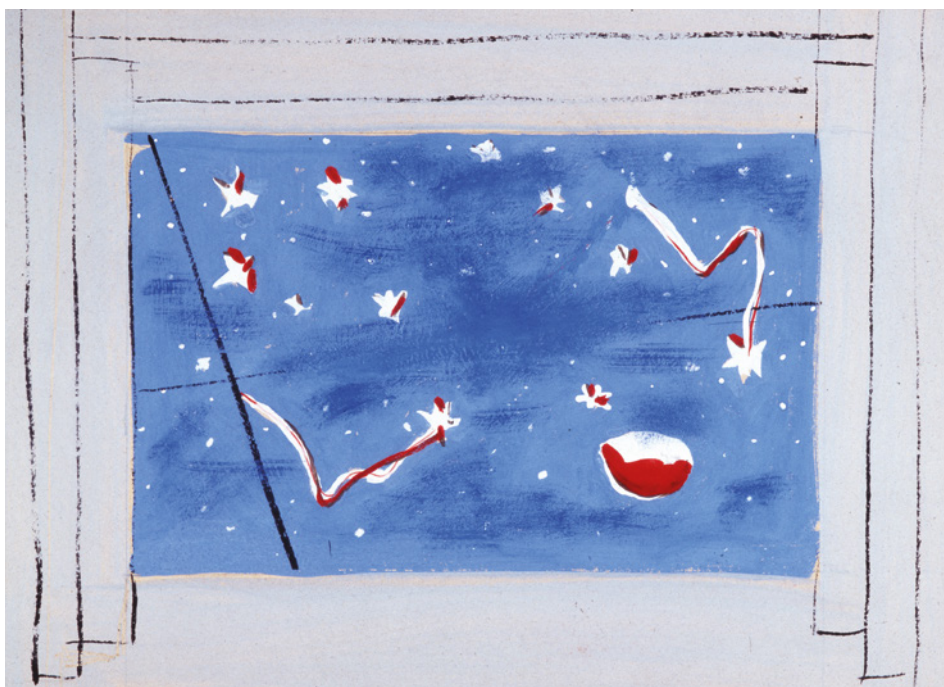
Numa madrugada fria a lua nos dava
Pequena e bruxuleante claridade.
Saía-se cismando por ali afora.
Quem se lembra das frutas-de-lobo,
Com suas flores roxas e galhos espinhentos?
Não lhe sabíamos a serventia. Era voz
Corrente sua aliança com o diabo
E as visitas constantes dos urubus...
O Saci-Pererê trançava-lhe os galhos.
As gabirobeiras quando nasciam
Espíavam para todos os lados
Se a vista as alcançava,
Tratavam de nascer em outro sítio.
Os pássaros jamais pousavam nelas,
Mas se acontecesse, tínhamos certeza
De que eram forasteiros. Um dia uma
Saiu correndo atrás das crianças
Que lhe atiravam pedras.

Gosto dos rios, do seu aspecto manso.
Onde nasci não os há, só existem córregos.
As águas incautas vão ligeiras e nos
Moinhos são estranguladas. Avisam-nos
Do perigo dos redemoinhos. Em toda
Parte os avistávamos, até no campo.
Iam deslizando,
Perdiam-se no longe.
Vi o primeiro rio, parecia um mar
Foi o Pardo; atravessava todas as cidades.
Dele tiraram areia, peixe e muita maleita.
Suas margens eram povoadas de almas
Penadas: senhores de escravos apareciam
A certas horas e em determinados
Lugares — em grande barco negro.
Dos seus dedos saía fogo.

*Céu com estrelas – 1941
Pintura a guache/cartolina
Rio de Janeiro, RJ
31 × 42 cm
Projeto para cenário
do Balé Serenade
Coleção particular*

Se a cauda do cometa
Relar na terra, o mundo
Acabará, comentavam os
Homens do meu povoado.

Nós parávamos de brincar.
Ficávamos vigilantes
Olhando o céu. De vez em
Quando alguém dizia: ele
Passou correndo e escondeu-se
Atrás das outras estrelas!
Protestávamos:
— Você o que viu foi a
Alma penada
Vivíamos entre o sonho
E o medo. Acabaram-se os cometas.



Quantas vezes montado
Nas árvores fazia grandes
Viagens. O silêncio do campo
Nos transportava para longe.

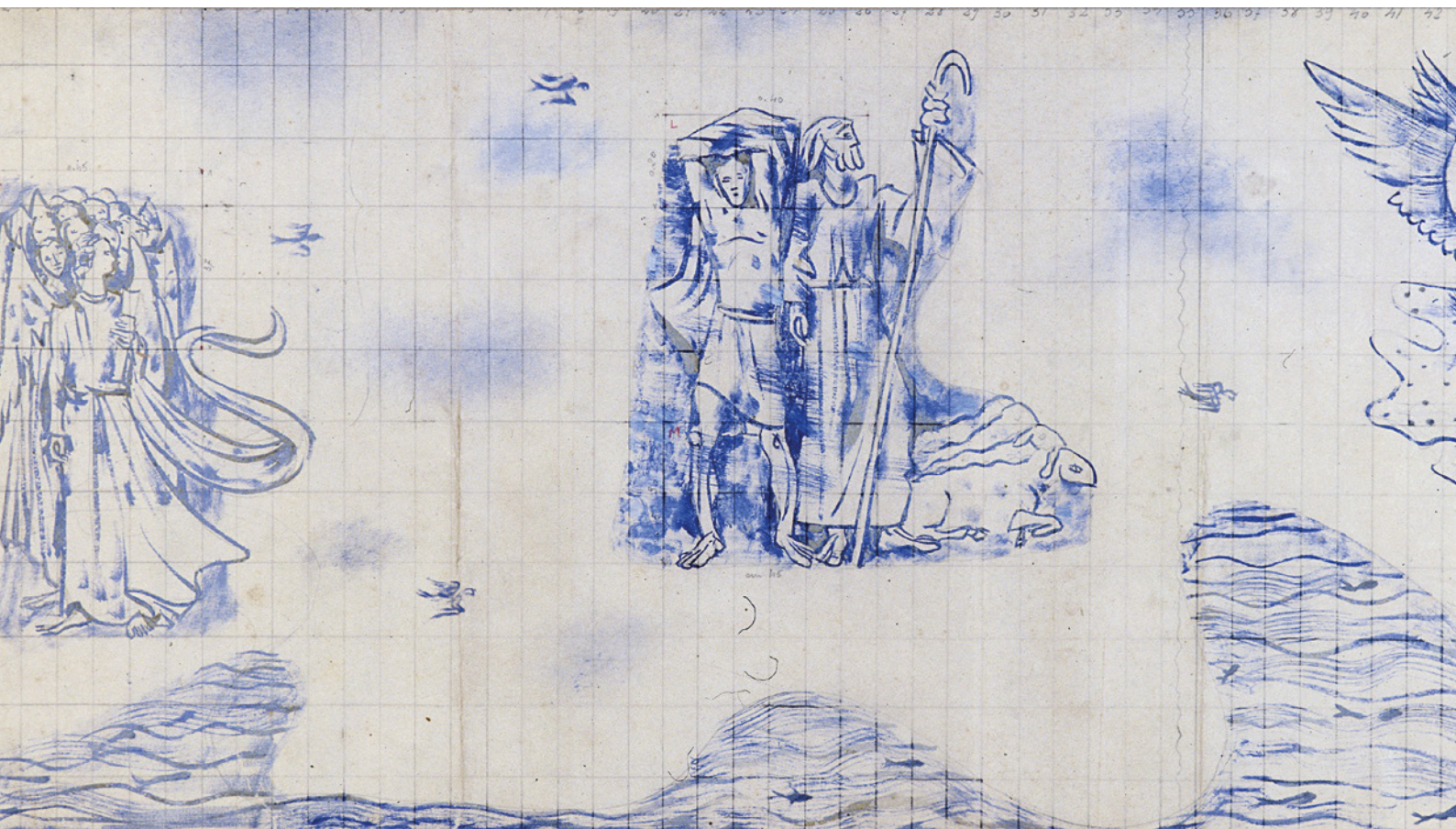
Entrávamos no mundo
Desconhecido. A imaginação
Varava as nuvens e o vento.
Ao nosso redor os zebus pastavam.

O mugir de algum assustava-nos
E caíamos na realidade.
Já começavam a aparecer as sombras da noite.

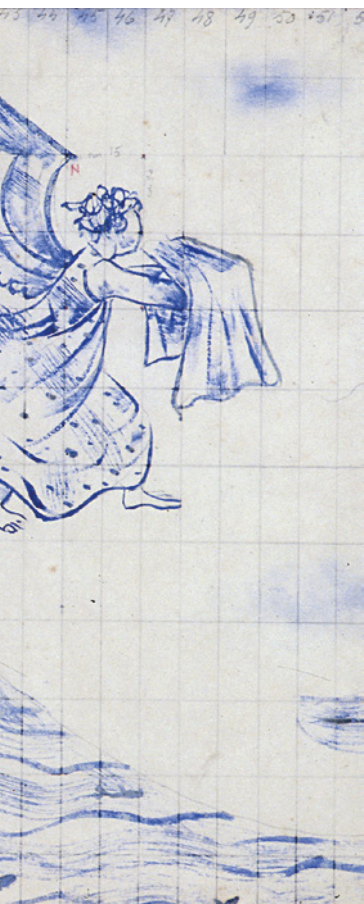
*Menino correndo – 1943
Desenho a grafite/papel
Brodowski, SP
21,5 × 17 cm
Estudo para a gravura A Bordo
Coleção particular*

Infância atribulada.
Nos dias de assassinatos
A noite era de pesadelos,
Sofrimentos.
Só no campo havia
Tranquilidade.
Caminhava pelo trilho dos animais.
Ali sonhava com tanta intensidade!
Ao longe via príncipes,
Princesas e o rei amigo. Sentia-me
Em outras cidades. Em qualquer
Seria melhor.
Os medos e a morte viviam
Em meu povoado.





De mãos dadas com uma
 Anja de grande beleza.
 Seu aparecimento transtornou-me:
 Perdi o juízo. Um dia levou-me
 Ao paraíso. Vi meus velhos amigos,
 Falei-lhes insistentemente,
 Mas eles não me olhavam, não deram por mim
 As flores eram imensas. Não vi
 Nenhum santo conhecido.
 Saí triste pensando em meus amigos.



Anjos e pastores – 1944
 Desenho a guache e grafite/papel
 Petrópolis, RJ
 34,5 × 78 cm
 Maquete para o painel de azulejos O Batismo de Jesus
 Coleção Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, Tiradentes, MG



Quantos mortos vi passar! Vejo ainda
Os enterros dobrando a praça. Homens silenciosos
E escuros, vindos das fazendas distantes,
Trazendo o caixão negro, cansados do
Longo caminhar. Meu cérebro se
Enchia de caixões pretos, assombrações,
Pavor. Alguém mais velho vinha
Fazer-me companhia.
Ao amanhecer o sol afugentava
Todos os medos.

Enterro – 1959
Pintura a óleo/madeira
compensada
Rio de Janeiro, RJ
24,5 × 33,5 cm
Coleção Museu de Arte
Contemporânea de
Pernambuco, Olinda, PE

Muitas vezes ia ao campo caçar
Lobos e tigres: enchia o embornal
De pedras e levava o estilingue.
Voltava sem caça. Não existiam
Essas feras em nosso campo:
Experimentava apenas minha coragem...

Namorados – c. 1940
Desenho a guache, sépia
e pincel seco/papel
Rio de Janeiro, RJ
38,5 × 30,5 cm
Coleção desconhecida

Minha vida é tua presença
Teu espírito, tua voz, tua pele e
Teu corpo. Tua claridade ilumina o escondido
Até o céu caminemos de mãos dadas

Pelo azul. Perto das estrelas mais luminosas.
Sem te tocar, meu corpo incendeia-se
Se acontecesse também a ti...
Unidos num corpo só.

Um dentro do outro
Como pássaros invisíveis
Na inocência criáramos o bem permanente.

Rio, ago., 1961



Minhas roupas saem e voltam
Sem mim – acompanham gentes
Não falam, mas se amarrotam
Tristes roupas nem frases ouvem

Mesmo horizontais. Fico nu.
Miúdo, desengonçado sem serventia
Se ainda fosse amigo do rei.

Pobre dono de panos, não posso
Sair também, já nem tenho corpo.
Nada me vê e não me falam
Quando me perdi?

Se estivesse ainda naquela rua
Fugi de mim? Pegaram-me de
Propósito jogando-me fora, aos pedaços...

Acordei antes da morte?
Quem soprou-me a realidade?
Via as areias, areias de meu
Povoado pouco pisadas.

Brilhavam sempre
Noites frias e estreladas.
Mesmo mal-assombradas
Havia as vozes boas e os ruídos

Caseiros. Almas infantis
Dos anjinhos. Sepultados na
Véspera. Habitavam o espaço
Levando o perfume

De rosas e de cravos
Tão verdadeiro e
Tão inexistente...

Paris, out., 1961

Recostado no céu adormeci
Sonhei que os Santos e os anjos me vieram ver
Doía nos olhos a luz que suas vestes refulgia
Sabiam que sofria — penavam no meu entristecer.

Cada um dizia o que convinha e sumia
Ficou o mais velho para me fazer companhia
Sugeriu uma viagem à Lua
Para visitar São Jorge. Lá chegamos e na montanha

Mais alta, no sopé há o rio navegável em que íamos
Embarcar num arado que nos levava à casa do Santo
O vento as feições se lhe via e o brando sussurrar lhe ouvia
Depois de dois dias chegamos ao campo

Batemos palmas, vieram o cavalo e o dragão
São Jorge não estava. Ali no jardim havia flores
Atrás da maior se escondia o meu amor com filho e o outro em embrião.

A lua ao virar nos despejou. Falaram em maio
Mês das flores, de novenas e de felicidade
Caído embaixo da mesa acordei. Não foi desmaio
Montei a potranca, fui comprar cigarros na cidade.

Nov., 1958

*Espantalho no arrozal – 1947
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
60 × 73 cm
Coleção particular*





Sem cílios e sem destino
No ar sem proteção
Espantalho de beira-córrego, os pássaros
Pequenos não se intimidam... Passam.

Aos grandes arrozais. Invisível quase
Flutuando no espaço
Vagando ao léu. Esfiapado e desfeito
Um trapo cuspido

No lodo. Enxugando a lama, será no
Clarear da aurora?
Se tivesse ainda meu canivetinho
De cabo de madrepérola me
Recordaria de tudo daquele tempo.
Veio de presente numa caixa de vinho

Do Porto. Não dão mais. Era
Um pouco de felicidade embrulhada
entre as garrafas.

Depois tive muitos canivetes
De verdade: apenas cortavam...
O meu vivia: gostava de admirá-lo
Conversávamos durante horas e horas

Onde estará? Transformara-se?
Seria a estrela aqui perto do
Mar? Ou foguete que foi à lua?
Meu canivetinho, meu canivetinho...

O zunir dos postes telefônicos nas estradas
perdidas, no silêncio completo e
Eterno, limpa minha imaginação e
Clareia meus olhos; espremido dentro de um
tronco — salvei-me na casa das arapuás
Engoli o mel e saí. Rasteiras as
Sombras das nuvens me perseguiram.
Minha alma saiu de mim correndo
O céu jogou-lhe uma pedrada
Ela voltou fechei-a em meu baú
Onde está aquele eu que ficou no
Povoado? Vi-o uma vez todo de preto
E camisa vermelha — corri para ele
A locomotiva interferiu fechando a passagem; nunca mais me vi
O vento veio fazer-me companhia fomos
ver as águas — as do meu
córrego um peixe velho me reconheceu
Sorriu — mas era a lua.

Direi ao fogo para te encantar
Meus olhos deram-me de presente
Não sairão da estrada para te espiar
Vejo-te sempre.

Pássaros ligeiros de par em par
O firmamento de azul vão desenhando
Olhos sem te ver, não canso de te espiar
Os pássaros te estão a procurar

Nas sombrias árvores, folhas em quantidade
A mais dourada rodopia as outras não se movem
Olhando pensando te ver, é realidade?
Meu sonho e sobem

A tristeza secou-me
Deixando-me sem ação
Sozinho no relento
As Três Marias correm ligeiras e esvaziam o chão

Onde irão lobisomem já passou
Seria mula sem cabeça?
O fantasma a espada de granito quebrou
Os espantalhos lutam para que o arroz cresça

*O sonho de Jacó – 1957
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
81,5 × 65,5 cm
Coleção particular*



Entoava um salmo o peixe-anjo. Vi-o
de azul voava ligeiro
Assisti uma grande
árvore dando concerto e vi as areias dançando.
As águas do mar chorando e se debatendo. Ouvi as
nuvens conversarem. O sol era mais
luminoso nesse dia
Amanheci sentado na escada de Jacob. Pedi
ao vento para levar-me a Bercheba.
Fomos num instante. Encontrei Abraão.

Vi um galo azul, azul. Estava tão longe e se
Podia ver, num segundo desapareceu, apenas o
Seu canto ficou em meu ouvido. Pensei que já
Seria madrugada. Não, não era madrugada.
Escurecia e a lua mal despontava.
Foi arte de feiticeira para me encantar, mas
meus anjos me guardavam. Encheram a orla do
mar de despachos. Milhares de velas acesas
Na noite triste vinha do mar a brisa com cheiro
de Morte...

E o vento não veio. Vi o moinho
Chorar e os cavalos ao seu redor
Com suas longas crinas esvoaçando
Em disparada trocavam de direção
Nem o moinho nem a lua porque sem
Vento nem sol. A chuva chorava
Com pena do moinho, na lua
Ninguém pensou. Estava muito
Longe... O espaço estava cheio
De almas impedindo a visibilidade
Das estrelas e dos anjos.
Quanto azul...

A cavalo fui por um caminho.
Olhava o campo a se perder de vista,
Plantações ordenadas, pontilhadas de casebres,
O córrego serpenteando nos acompanhava.
O ar resinoso das montanhas e matas
Era delicioso. Íamos tranquilos.
De imprevisto, passou em nossa frente
A mula sem cabeça e num instante
Nuvens negras ameaçando e desencadeando
Temporal: relâmpagos trovões e
Raios decepando árvores. O vento curvava
As árvores, levando as folhas
Para a frente. Encharcados e frementes,
Olhávamos o espetáculo em pleno
Descampado. Onde andará aquele temporal?



De aspecto diferente não se mostra
Mais, nem nos dias de sol
Nem nos dias sombrios.
Maria de Nazaré
caminha para Belém passando Caná.
O céu de madrepérola da terra dos santos
acompanha a inquietude também
Maria de Nazaré
Com sua passagem as flores ficarão
mais belas
Apareces em toda parte
nas estradas, no mar, muitas vezes
bem perto.
Silenciosa pousas teu olhar em mim
Meu pensamento gira
em torno de ti.

Madona com menino
Jesus – c. 1943
Pintura a têmpera/madeira
Rio de Janeiro, RJ
21 × 14,5 cm
Coleção particular

O vento soprou o dia apagando-o
Na escuridão da noite começou
Aparecer a lua como um sol grave.
As estrelas acordaram abrindo os olhos.

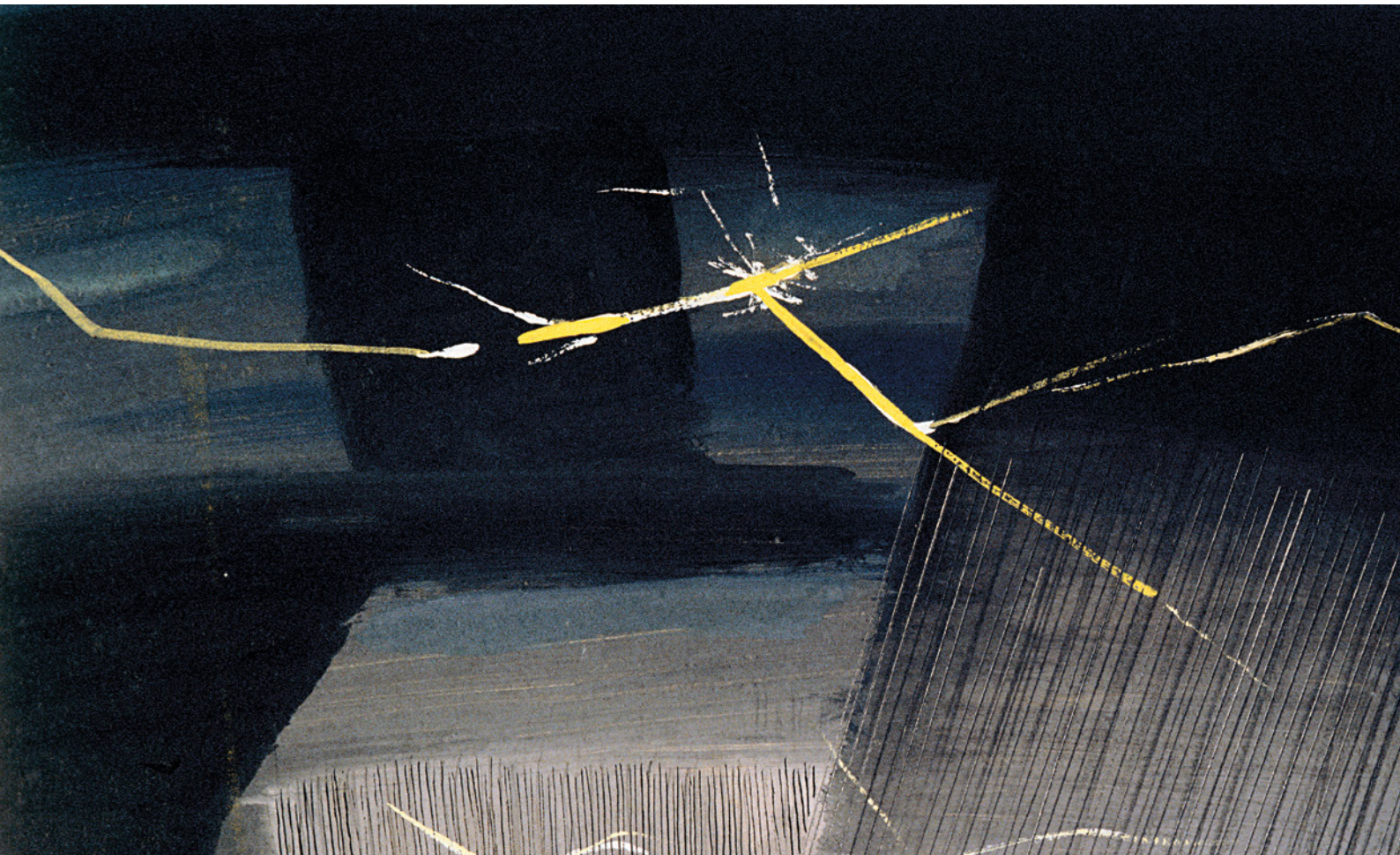
Ajudando a clarear os caminhos
Por onde vamos sempre e sem
Saber onde. As águas dos córregos
Vão cansadas do longo percurso

A terra velha e enferma sorve
O escasso líquido... em
Alguns trechos o solo estava morto
Homens simples, homens-máquinas

Dão tudo e morrem para mantê-las
Vivas. Nuvens amigas de vez em
quando os ajudavam. Há semelhança
Entre eles. Aquele lavrador parecia

O velho pé de café, outro escalavrado como a terra da
Fazenda
Pobres criaturas, pobres lavouras
Um dia plantaremos sementes desta gente de paz.

A revolta





Os inventariantes

I

Os inventariantes pedirão conta dos cílios
Apedrejados. Das madeiras inertes e dos cabelos
Perdidos e dos egoísmos. Das penas das aves
Das chuvas inúteis. Dos furacões e dos ventos

II

Dos espaços perdidos. Das lágrimas secas
Dos carvões em brasa e das fogueiras de São João.
Das violetas sob a terra nos cemitérios
Das cores claras das moças morenas.

III

Das gotas d'água afundadas nas pedras. Dos laranjais
Sem laranja e das malvadezas. Das águas constantes e
Da lepra. Quem responderá? Os inventariantes quererão saber
Dos feios e dos pequenos funcionários que estão sempre

IV

Nas filas, filas de caixões de defunto. Filas das prestações
Nas filas dos hospitais, filas dos sofrimentos de arrancar
Dentes, de arrancar o olho e transfusões de sangue com água
Nas filas de leite com água e nas filas de pedir água.

V

Nas filas intermináveis da morte que não chega...
Pedirão conta do lodo. Das espadas brancas. Dos cães amedrontados
Dos pés estragados, dos dedos perdidos. Da nave morta e
Repelida, cheia de gente viva. Dos fornos queimando vivos.

VI

Queimando crianças com flores e velhos com sonhos
Mulheres antigas e jovens... Pedirão conta das éguas

*Operário – 1947
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
99 × 80,5 cm
Coleção particular*

Solteironas. Dos frutos podres que os meninos não comeram
Dos que engendram a maldição. Dos cheiros misturados.

VII

Dos fogos perdidos. Das meninas feias morando distante
E chegando sempre na luz da aurora. Pedirão conta dos
Moirões queimados e das angústias. Dos ninhos de joões-de-barro
Das areias estéreis. Da malária. Da ameba. Das sezões. Dos

VIII

Sarampos. Das tosses compridas. Das seriemas e gabirobeiras
Dos meninos caolhos e barrigudos. Dos estropiados. Dos
Espinhos. Das borboletas refletidas n'água estagnada.
Das gotas de sangue desconhecidas. Dos urubus tristes e

IX

Malqueridos. Das moças sem dentes e sempre grávidas.
Das manchas amarelas nas pedras. Ouvirão os horizontes fugidios?
Pedirão conta dos gritos sem eco. Das fomes mortas.
Das estradas azuis. Das nascentes nas montanhas.

X

Dos ruídos à toa. Das almas mortas sem destino.
Dos enfartes no silêncio dos campos. Pedirão conta
Dos silêncios intermináveis. Dos pobres assassinados e dos
Assassinados a machado. Dos desastres e trilhos enferrujados.

XI

Das porteiras cantadeiras e solitárias. Das portas abandonadas.
Das tristezas vagando. Dos escorpiões e viúvas-negras só
Conhecidas dos pequeninos... Pedirão conta da
Erva nascida do sopro da inocência...

Entre Nancy e Paris, 1º nov., 1961

Jó – 1943
Painel a óleo
e carvão/tela
Rio de Janeiro, RJ
217 × 178 cm
Coleção Museu de
Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand,
São Paulo, SP



Deus de violência

Estou com vida mas estive sempre à espera
De viver. Não sei por que estou isolado e só
Sentimos a inutilidade em existir. Se houver Deus
É de violência; nos deixa apodrecer ainda caminhando
É o dono de moléstias pavorosas. Alimenta
As dores dos recém-nascidos, do homem, da mulher,
Do velho e do cão. Há repetição de ruídos
Furacões, lamento de crianças com fome
Andamos, mal-encarados, e com o pensamento
Em enganar alguém. Desconfiados, temerosos
Das doenças incuráveis. Ignoramos
Já estarmos inscritos numa dessas doenças fatais.

Quem seriam aqueles três rasgados
E sem cara? Vinham a cavalo.
Mais próximos não davam a impressão de gente,
Mas de três volumes se movendo como bandeiras
Esfarrapadas. Rentes a mim, estenderam
algo como uns braços, com vestígios
de dedos, segurando uma caneca de folha.
Eram restos de três criaturas
Espavorosas carregando a lepra.
Vinham das bandas do Triângulo. Os sons
que emitiam eram como
Sombras de palavras.
Meu pai chamou-os
para o almoço. Sentaram-se à nossa mesa.
Nós crianças olhávamos intimidados
Depois confraternizados. Quando se foram,
Perguntamos: — Que santos
são aqueles?

Uao ha floga
nem dousa
se aguisse os piluleiros

u aquisi
stra lunar

A primeira
letra foi de
marchas batidas
pelo rentei

as animals were
was the world
affairs

O arto continuado ¹⁸ não deixa ilusões
antes tivesse seguido o primeiro
que se puseram em marcha pelas vertões
O gado morreu com ¹⁸ e mais ligeiro
Foi dada a este ali

Ronda a desolação a incerteza. Nada existe ali

Pela estrada
de granito e
vez e vez ossadas
ali

Osoficiente moral
servicio

Ronda a desolação a incertezas.
Não há mais nenhum sinal de que ali
foi moradia. O sol ardente devorou tudo.
Encontram-se a vezes alguns ossos aqui.
Outros longe impossível reconstituí-los. É ir má frente.

Quinta adiant
O longe deso-
- acerta - o
so acerta
Sem a frente

Outro bicho

Homens, mulheres VI
Banda varia um ^{velho} ^{criança e moço}
lado, um, os ^{uma coisa} ^{que os pais}
levam ^{na cabeça} ^{traseira e os} ^{com fones e retalhos}
Homens de alho vidrado e chapeu grande

Meninos moços de ~~PERNAS~~ e ventres grandes
 Cheia, segurando a saia da mãe já estafada
 Vão monotônicos se lamentando em seus angustiantes
 Velhos e velhos inchados, cegos, ao fim e já gastos...

VIII
Espigueiros mortos de maricão - não ha o que
~~fazer~~
é a sede viragens quasi se acercam e tem
rachada inhospita pedregullos queis mado linceos br
vão para agua - ~~basta os cães da terra pela~~ ~~marcha~~
e um morto pela uns

~~hoops 14, nearly~~
~~— leaves of cactus dist. from~~



Coscas de seix
Missagens correm
é Terra
na Rodriguez
modo fgo bo
per

Os cavalos dos leprosos se parecem com eles.
Manchas no focinho e no corpo, o mesmo olhar
Mortício e desacoroçoado.
Homem e cavalo
Vinhão vagorosamente
De porta em porta. Teriam
A mesma doença?
Arrepiados da cabeça aos pés,
O sol os acariciava, e se moviam lentamente.
Nas noites de treva
O cavalo era o guia, só ele enxergava.
Eram como dois irmãos. O alimento,
Repartido e o descanso também...
Seriam dois reis?



Os retirantes vêm vindo com trouxas e embrulhos
Vêm das terras secas e escuras; pedregulhos
Doloridos como fagulhas de carvão aceso

Corpos disformes, uns panos sujos,
Rasgados e sem cor, dependurados
Homens de enorme ventre bojudo
Mulheres com trouxas caídas para o lado

Pançudas, carregando ao colo um garoto
Choramingando, remelento
Mocinhas de peito duro e vestido roto
Velhas trôpegas marcadas pelo tempo

Olhos de catarata e pés informes
Aos velhos cegos agarradas
Pés inchados enormes
Levantando o pó da cor de suas vestes rasgadas

No rumor monótono das alparcatas
Há uma pausa, cai no pó
A mulher que carregava uma lata
De água! Só há umas gotas — Dá uma só

Não vai arribar. É melhor o marido
E os filhos ficarem. Nós vamos andando
Temos muito que andar nesse chão batido
As secas vão a morte semeando

*Retirantes – 1955
Desenho a grafite e
sanguínea/papel
Rio de Janeiro, RJ
26 × 27 cm
Estudo para a pintura
Os Retirantes
Coleção particular*

No povoado sonhando
Viu o mar. Um dia o
Veria de verdade.
Passaram alguns dezosmbros.

Chegou à praia
Sem saber se era dia ou noite,
Distante dali deixara o
Campo, os animais e as flores.

Faziam parte de sua
Vida de menino pobre.
Lembrava-se da chuva do rio e dos pássaros.
Não pôde ver o mar: estava cego.

*Marinha, 1942
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
46 x 55 cm
Coleção particular*



Mulheres com dor d'olhos cobertas de trapos e
Sempre grávidas. Saindo dos panos há uma cara
Canelas finas e feridentas. Desde o seu nascimento
Penam. Noite e dia trabalham. Muitas já cegas,
Os filhos tracomosos e opilados.

As mocinhas de dezesseis anos
Só trazem na boca uns cacos de
Dentes. São assombrações. Espantam as águas dos
Rios e o arvoredos. Morrem trabalhando e
Ressurgirão no azul do céu vestidas de Lua.

*Retirante grávida – 1945
Desenho a sépia pincel/papel
Rio de Janeiro, RJ
82 × 36 cm
Coleção desconhecida*





Faltam-me as pernas.
Tenho um braço e meus
Olhos são fracos. O coração palpitando
Sempre.

Vim da terra vermelha e do
Cafezal.

As almas penadas, os brejos e as matas virgens
Acompanham-me como o espantalho,
Que é meu autorretrato.

Todas as coisas
Frágeis e pobres
Se parecem comigo.

*Espantalho – 1947
Desenho a crayon/papel
Rio de Janeiro, RJ
34,5 × 24,5 cm
Coleção particular*

Minha pupila estará cheia
De tanta gente? Mas está vazia...
Fantasmas movendo-se
Sem existência.

Levarei meus olhos fugindo
Procuro os escondidos inutilmente...
Na mediocridade — nem
Uma quinta-feira de folga...

Trabalham vestindo-os e o
Vento os move
Não entendem. Tempo gasto
À toa à toa.

Se soubesse conversar com a erva
Macia. Sem jeito piso-a esmagando-a
Impedido de um encontro desejado.

Agitam-se meus cabelos
Correndo. Meus braços vão para
O sul e as pernas para o norte
Boneco Carlitiano.

Faltam-me as lágrimas e o
Entendimento. Não vejo a lua e
Nem o sol ao meio-dia...
Eu não existo talvez.

Me darão a morte em noite de
Lua? Mas bom seria
Sem ninguém perto de mim.

Sobressalente

O mar olha-me dia e noite e nos abandonamos
Às vezes, somente por alguns instantes
Assiste minha solidão e ao trabalho
A lua vai subindo em nossa frente
Quando se apresenta nitidamente redonda
Parece concentrar os olhos sobre mim
Em cada banco de pedra há mais de um
Casal de namorados. Nunca vivi assim
Fui diferente; fui sempre sobressalente
Em tudo. O que todos tiveram não tive
Às vezes, penso ter vindo por engano.
O material usado para me fabricarem,
lá no infinito, estava destinado a
Realizar folhas de árvore ou... água.
Por que vieste se nada sentes; me
Habituar a pensar em ti no silêncio
Já eras uma fábula. Não ouves o
que digo. Desconversas sempre.
Quase nada sei de ti e nada
Queres saber de mim.
Sequei como a árvore no campo
O pouco de verde aparenta
Vida. Meus amigos mortos, mais
Vivos e mais estimados.
Só eles me darão vida...
Estão colocados em minha
Memória com as lembranças
De infância — nuvens brancas
Desfilando: cidades
Se movendo. Vou sobrando nada mais
Existe.
Assim sem alicerce vou afundando
No vácuo.

Respirar

Não vemos a mesma paisagem
Já olhastes as ilhas aí em frente?
Por que olhas somente o que é teu?
Se sentisses como é habitado o espaço
E como nada pertence a ninguém...
Quando foi que nos conhecemos?
Serás mesmo a procurada?
Por que te chamo?
Nada desejo.
Olha bem e respira.
Pensa, se houvesse dificuldade
Pelo custo alto, em respirar, seria espantoso.

Poeira de terra morta brinca com o vento
Mulher com filhos embrulhados, ficaram
Na estrada, espiando por todos os lados, não vendo
Nem rastro dos outros, permaneceram ao lado da cova do chefe
[que enterraram



O filho menor está morrendo
As filhas maiores soluçam forte
Caem lágrimas de pedra. Mãe querendo
Levar menino morto: feio de sofrer, cara da morte

Desolação. Silêncio apavorando
Solo sem fim pegando fogo.
Não há direção. O sol queimando
Embrutece. Cabeça vazia de bobo

Há quanto tempo? Famintos e sem sorte
A água pouca, ninguém pede nem faz menção
Água, água, se acabar, vem a morte.
Estão irrigando a terra? É barulho de água? Alucinação

Que Santo nos poderia livrar?
Reza de velho louco
Deus pode a todos castigar.
Que é que esse menino tem? Está morto.

Criança morta – 1944
Painel a óleo/tela
Petrópolis, RJ
180 × 190 cm
Coleção Museu de
Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand,
São Paulo, SP

Corri muitos caminhos, vi muitas
Madrugadas estive dentro do fogo
Amanheci dormindo nas águas dos rios
Tudo para encontrar qualquer

Coisa branca. Existirá mesmo?
Andei andei até o céu. Perguntei
A todas as estrelas sem resultado
Estaria desejando o branco ou a luz?

Confuso ancorei aqui em frente
Ao mar. Não saí mais e não interroguei
Esqueci e a memória acabou
O que vejo não sei o nome

Vazio, poderia dobrar-me como
Folha de papel e caberia em
Meu bolso. Nem medo e nem coragem
Solidão completa...

Procurando nas colinas e nos brejos
Nas ruas e nas cadeias, no manicômio
E nos teatros e nos jogos de futebol
E nos conventos.

Achei? Já não me lembro. Alguma
Coisa branca e transparente?
Corri muito atrás de quinta-feira
Inutilmente. Mergulhei na areia

E desci de paraquedas.
Em terra surgi como espantalho
Confundi tudo e esqueci. De que
Andava em busca? Carreguei pedras

E apanhei café. Montei a cavalo em pelo
Sempre buscando, buscando.
Seria o Farol no meio do mar?
Olhando a lua distingo uns cabelos de ouro
Quem será a namorada dos mais pobres do mundo?
Os desprezados? Amando
Sozinhos. Haverá
Alguém sabendo o que procura?

A lua não é mais donzela
Amada pelos namorados, São Jorge
Retirou-se para
Outros mundos. Mesmo violentada

Continuará distribuindo poesia —
Alumiando as estradas para os
Viajantes. O sol permanece
Fornecendo-lhe luz...

Acontecimentos do *Sputnik* teriam
Modificado o céu? E nós seremos
Os mesmos? Ao próximo foguete
Pedirei notícias de meus amigos mortos

Se a coragem estivesse dentro
De mim viajaria para lá
Os meus dedos espantam
Qualquer intrepidez

Prisioneiro do silêncio e parado
Espio as sombras se arrastarem
Homens rudes e outros frágeis
Carregando nos ombros o volume
Pesado desse mundo. Da grande fila

Não se vê o começo e nem o fim
Imploro uma brecha – Ninguém
Me dá atenção, teriam ensurdecido?
Ou talvez não tenham olhos.
Cada um joga no futuro, mesmo
No fim. A miragem não vive

Só no deserto. Todas as criaturas
Têm reservatórios.
A loucura não está com elas
São enfermos da tristeza sem
Suspeitarem. Do lado de fora
Tenho a alvorada e o verão
Fazendo-me companhia
Não consigo sair do lugar

As areias do mar contam-me
Histórias dos navegantes e o
Silêncio das águas.
Andei pelas estradas sem
Fim pisei nos pedregulhos
Estive no buracão vendo o
Moinho de fubá, as águas

Aflitas eram estranguladas
Sob a roda de mover
Passavam e nunca mais voltavam
Para onde iriam e onde estarão?

Sabemos tão pouco, nem de suas
Idades suspeitamos, quais serão as
Suas transformações? Pouca água
Há ali e é distribuída entre os

*Vaso de flores – 194[2]
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
73 × 60 cm
Coleção particular*

Córregos. As nuvens de chuva as
Deixavam correndo correndo
Sempre. O vento passava sem lhes
Dar atenção. Os seixos pouco avançavam como paralíticos.

Às vezes rasgando um pedaço de papel, assustado
detenho-me e indago: ele sentirá dor?...

Onde estão as flores? Deste-me
Uma braçada, mas não as encontro.
Feridas estão as minhas mãos pelos
Espinhos — mas onde estão as
flores? Meus dedos sangram
Não quero mais nada de ti
Vives me machucando...
Separada. Não
Suspeitas haver um mundo lutando?
E flores do campo. Não te
aproximes delas — sofreriam
com teu olhar...
Não as toque nunca.



Acossado e perseguido pelas longas sombras
Projetadas sobre mim
Como em noite escura, as luzes redondas
Dos holofotes extensos e sem fim

As sombras vindas de todos os lados
Cercavam-me às vezes
A ânsia de fugir vendo homens apressados
Estendia para cima meus braços de luzes

O silêncio acompanhava o escuro
O fogo e a brisa ondulavam
Ao meu redor machucavam-me duro
E com seus movimentos metralhavam

Pouca oportunidade de fugir: em vertical, com medo
Imenso que me entupia; enxergava
Já não podia multiplicar-se o desejo
Fechei dentro de mim o que transbordava.

A barca – 1941
Pintura a óleo/tela
Brodowski, SP
200 × 200 cm
Coleção Museus Castro
Maya, Rio de Janeiro, RJ





Semearei água

Não vês aí em nossa frente as águas se
Balançando? De onde teriam vindo, cruzando
Os ventos? Ora banhando praias distantes
Ou dando em lugares desertos. Vês este é
O rio Negro aquele outro ao sul é o Pardo.
Todos se encaminharam para o mar... Antes
Banhavam as terras magras.
Leva-me, te mostrarei as árvores
E os vaga-lumes nas noites escuras. Poderemos
Amar a erva e o céu. Sem receios
E sem cansaço. Serás sempre bela o tempo
Nada fará. Talvez me faças ver mais adiante
E não serei triste. Semearei água nas terras
Secas. Os doidos só veem o essencial.
Nossa casa será em qualquer parte
Usaremos o céu para nos cobrir.



Cães sarnentos e esqueléticos
De olhar doce e humano
Fugiam sempre. Eram enxotados
A todo instante. Só as crianças

Tratavam-nos bem. Olhos remelentos e
Comoventes pobres pobres e sem
Dono. Não se metiam em brigas
Farejavam os meninos amigos

Até na igreja eram escorchados
Mas a lua iluminava ao rei e
A eles. A brisa soprando não
Discriminava. A água matava

A sede do homem, da ave e do cão
A terra alimentava a todos
O eco longínquo era ouvido por eles
Também. Serão alguns Santos em penitência?

*Menina com
cachorro – 1940
Desenho a óleo e
pincel seco/papel
Rio de Janeiro, RJ
62,5 × 50,5 cm
Coleção particular*

Se pudesse fugir de mim
Afundar-me em escuridão
Das matas fechadas e repousar sem fim
Por mais ligeiro na corrida acompanha-me a
assombração

Na estrada paro e me escondo
Onde ninguém vai; a sombra impede
Ligeiro apresso-me, num tempo em que o
vento
Leva e não se percebe

Por mais coisas que faça e me transmude
A minha mão se aperta
E sem saber o que fazer
O eu que não sou, nada há que o satisfaça

Cansado de querer o que não desejo
Peço somente sono e repouso
Despejo-me no rio surdo de águas claras e vejo
O silêncio fazendo barulho e dormir não ousa

Vejo e falo a muita gente
Meu pensamento solitário
Está trancado dentro de mim
Mágoa e solidão me acompanham

Não enxergo as pedras e nem as
Raízes. À noite passam
Navios iluminados indo e
Vindo. Entre os viajantes

Haverá algum santo?
Não há flores e nem árvores e
faltam os que sonham em
Conhecer outras terras...

Os pássaros não viajam ali
Mas vão pelo espaço sem
Cais e sem porto
Os sanfoneiros vão a cavalo
Onde os noivos os esperam. A sanfona
Alegra os namorados.

Nada tenho para dar
Nem mesmo o tempo
É limitado e é consumido
Com o trabalho

Poucos são aqueles a quem falo
E muitos me procuram
por nada. Se tivesse
Continuado a soltar papagaio

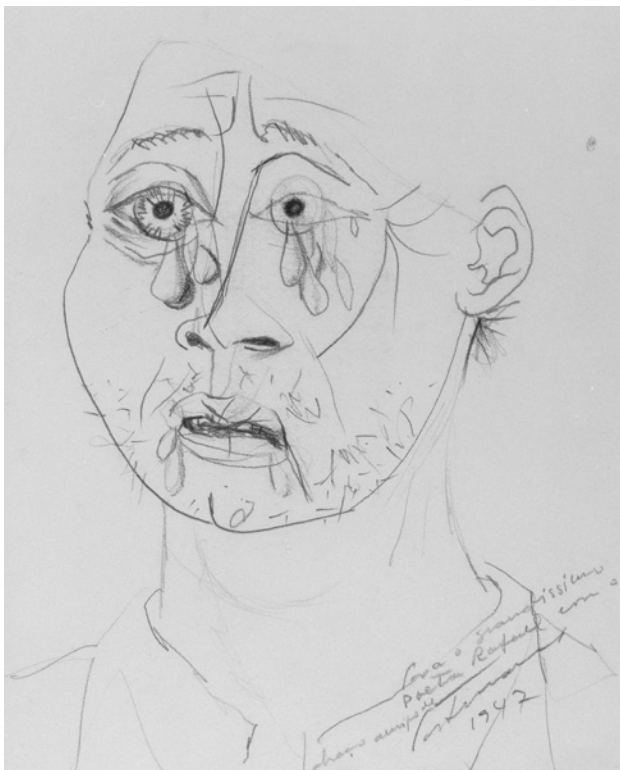
Seria livre como as andorinhas
Não entenderia os homens
Teria pena deles e de mim
Saberia a vida do vento

E a época dos vaga-lumes
Com as suas lanterninhas.
Saberia as idades
Das nuvens e os dias de arco-íris.

*Homem chorando – 1947
Desenho a crayon/papel
Montevideu, Uruguai
35 × 24,5 cm
Coleção particular*

Viajante solitário

A amada é figura existente?
Facilitei como se faz na infância
Para mostrar coragem... Caminhei
Pelos montes e nas florestas virgens
Respirei fundo a brisa da aurora
Olhei as pedras e as palmeiras
O tatu e a seriema. Continuamos
Até a fazenda da fartura e sempre
De mãos dadas atravessamos os
Espaços indo parar em Canaã
Gritei por Jesus!...
Quis comentar e estava só.



Largado pelos furacões
E pelas chuvas de pedra
Estou na
Estrada. Os espinhos fogem.

As noites mal-assombradas
Vivem em mim. Meu sangue
Caminha lento e lento...

Piso a terra misturada e já
Não vejo as nuvens nem o arco-íris
O nada sumiu. Nem me
Mordem as formigas.

Será ainda o mar aí em frente?
A erva escapole vendo-me
Nem a tristeza nem a desgraça
Como companheiras

Onde foram os escuros?

*Mula sem cabeça – 1957
Desenho a grafite/papel
Brodowski, SP
34 × 46 cm
Coleção particular*

Mulas sem cabeça povoando
O mundo. Enchendo-o
E o espaço continua vazio...

Renegados como leprosos
Vagamos:
Perdidos pelas estradas...

O escuro permanente...
No céu não haverá piedade?
A desgraça cai como uma pedra
dura...





Não me quiseram, enjeitaram
Minhas palavras...
Serei um dos meus espantalhos?
Afugento os caminhantes?
Não, eles se afugentam. Não
Entendem a lua
Não sabem da poesia
Só não estou, mesmo não estando
Comigo. Converso com o vento e a
Tempestade.
De noite ou dia — verei as sombras
E dormirei em paz. Tenho uma
Camisa. Meu leito é embaixo das
Árvores. Tranquilo ouço o rumorejar
Das folhas secas...

*Espantalho na
tempestade – 1944-1959
Pintura a guache
e grafite/papel
Rio de Janeiro, RJ
28,5 × 42,5 cm
Coleção particular*



Não serei nuvem e nem concha do mar
Ganhei o que havia de melhor
Viajei muito por terra e pelas águas
Fui dos escolhidos olhava o céu

Como dono de todas as estrelas
Habituei-me com os animais
Seus olhares mansos
Parecia nos entendermos

Contava-lhes as histórias aprendidas
Com Dona Iria. Tive muitos cavalos
Amarelos e alguns zebus azuis, meus
Cabritinhos brancos nunca mais os verei

*Menino com
carneiro – 1954
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
50 × 61 cm
Coleção particular*

Agora acordado vejo: Levaram-me
Tudo. Por que no fim?
Sou mourão de cerca
Morto parecendo vivo por estar ligado
aos outros.

Como foi possível sobreviver
A tantas lutas... O desânimo
Dá impressão de serenidade.

Atravesso a
dura vida
Desmontam-me e assisto
Sem nada fazer.

O mar verde e o vento ligeiro
Pensarão? Meus olhos não
pousam em parte alguma.
Esvoaço como pássaro ferido
Desde a infância sou perseguido
e sempre escapuli.

Agora trago-as dentro de mim
Desânimo — a libertação
Seria com a morte
Como é difícil morrer...

Mar opaco de cor
fria e escura semelhante
ao pantanal
Navegamos sobre troncos petrificados?
Ao contato do navio
Revolta-se agita-se e espalha
sua espuma raivosa como um cão louco
Triste mar
terminou e não tem aonde ir. Às vezes
parece sufocado. Nem as chuvas
querem
sua água morta. Pobre mar...



Chafarizes de fogo incendiavam o
Espaço. As águas espavoridas fugiam

O céu todo salpicado de rosa
Chora. Será dia, noite ou morte?

O frio corre atrás de mim
Não sei por que se apressa

Já estou todo gelado...
Os cumprimentos cortesões tão
Alegres escapuliram. Quem
Saberá para aonde foram?

Minha vida minha vida vai correndo

Correndo tanto, nem mais posso
Acompanhá-la. Naquele tempo,
Mais longe ainda, olhava o céu
Estrelado. Pedia a Deus para morrer
Seria anjo: sete anos. Tudo
Corre sem tempo de ver...
Amei a primeira que passava
Não vivi. Baixarei à sepultura
Solitário. Nada ficará... Não saberei
Dos amigos e nem da família.

A morte será colorida?
Qual a cor do outro lado?

*Espantalhos – 1940
Pintura a óleo/tela
Rio de Janeiro, RJ
81 × 100 cm
Coleção Gilberto
Chateaubriand, Museu de Arte
Moderna, Rio de Janeiro, RJ*

Quando ainda a força estava
Em mim, quando suave como
Um pedreiro sobre andaimes
Enchendo os muros do que não via e via

Espantalho espantava as angústias,
A maldição e o silêncio. Agora
Empoeirado e só
Têm-me prisioneiro.

A esperança escapuliu
E a morte de propósito espia-me
Rindo deixando o tempo escorrer
Como um córrego sem fim...

Paris, out., 1961

Pedindo amor e já te
Amava desde os antigos ventos
Deixas-me no chão duro?
Um para o outro.

Só nos vimos hoje. Unidos
Desde o nascimento das pedras
Fui poeira de gelo
Aquece-me. Só há frio junto de mim...

Caminhemos para Israel as
Estradas são brancas até Jerusalém...
Verás como é macia a luz, lugar do saber e do
Bem. Vem hoje, vem agora neste

Instante. Ligeiro chegaremos
Na asa da brisa. Lá não existe a
Morte. O tempo não se move...

Paris, out., 1961

Estarei caminhando ou parado?
Passam sob meus pés as águas
Salgadas e geladas. Ferem-nos os espinhos duros
E as areias ásperas.

Por que não caminho? Úmido e
Escalavrado — gosto de terra dentro de mim.
Apagado e destruído.

Minhas esperanças voltaram apodrecidas
O sol se escondeu.

Paris, out., 1961

Loucos os homens cospem lama
Sobre as flores e as criancinhas.
Quando começaram? Sem cílios
E as retinas mortas continuam

As espadas de água e as terras
Fendidas escorrendo-nos dentro.
Vozes feias e malditas
Perseguindo-nos. E as luzes e as folhas?

Eles não caem não se levantam
Não vão e não vêm. Não são
Pesadelos? Dementes espantados fogem...

Paris, 21 out., 1961

As pedras bicudas no
Espaço são invisíveis
O cheiro da terra encobre a
Luz do dia.

Meus cílios caíram, no
Chão duro, fazendo ruído e
Espantando as águas. Estaremos
Andando mesmo?

Eram claras e luminosas as
Noites. Por que tanta treva
Nesses dias de sol?
A morte deve ser bela.

Existirá? Galopando, a
Mentira quer enganar.
O sono eterno virá e
Será a Glória...

De Nancy a Paris, 1º nov., 1961

Odes





Grünewald

Morto mas ainda
Caminhando quis te
Ver. Não importa
Se fecharam a entrada

Não quiseram que te visse
Maus ventos sopraram
Vi-te do buraco da luz
Vi-te na asa do sol

Vi-te no espaço como uma
Asa. Vi-te brincando com
As crianças
Vi o circo ao teu redor...

Senti aqueles mesmos ventos
Dos subterrâneos que penetraste.
Senti-os sob os meus pés:
Povoados de assombrações.

Querem escapulir da sombra
No dia de lua nova te
Levei a poeira vermelha do
Meu povoado, era só o que tinha...

Colmar, 1º nov., 1961

*Cabeça de Jesus – 1941
Pintura a óleo/tela
Brodowski, SP
54 × 45 cm
Coleção particular*



Grünewald

Tanto te conheço
Tanto te vi e não
Te vi. Viajei mares
Enfrentei tempestades

Calor e frio. A maldição
Está comigo. Conheces-a
Breve estarei contigo
Já não há espaço

O fogo, as espadas de
Aço, a loucura e o lodo
Cobrem as flores.
As vozes da brisa sumiram

O bem é teu, permanecerá.
Malditos eles donos do mal
Não existirão
Ah, mesmo cego, olharei teus olhos...

Colmar, 1º nov., 1961

*Retábulo [1952]
Pintura a guache/cartolina
Brodowski, SP
50 x 45 cm
Maquete para o retábulo da
Igreja do Senhor Bom Jesus
da Cana Verde, Batatais, SP
Coleção desconhecida*

EMILY DICKINSON

AP-37.2.40

F-0751

Emily Emily ficaste na velha casa
Reclusa até a luz de tua vida ^{se} se extinguir docemente
Amhist escureceu, um raio faiscou vermelho como brasa
As crianças se assustaram e se foram tristemente

Pressentiram o acontecimento
Apagara-se o lume com a tempestade fremente
Coriscos clarões raios e ventania sumiram num momento
As crianças no funeral, com braçadas de flôres iam na frente

Não brincaram mais naquele dia
Se falasses às crianças elas sentiriam
A beleza de tua poesia os homens senhores da economia
Se assustariam e raivosos do seu convívio te baniriam

Já tinhas deixado aquêlê convívio desde que os conhe^{ceste}
~~quem eras~~
Não supunham ~~que~~ vieste aqui na terra
Não entenderiam teu mundo que vae além do Celeste
Ao primeiro contato com eles, esvoaçou tua alma deli-
cada e ~~eterna~~ ^{eterna}

Bem no alto brilha a tua poesia como um sol que ^{viver} faz
Não te importes por não teres conhecido mais terras
Mil vezes a solidão e o silêncio para conviver
Do que os que estavam ^{em} a teu redor sem saber quem eras

Com o cortejo dos anjos ~~que~~ te ~~vão~~ ^{nos} acompanhando
Vão as flôres de teus versos ^{redimindo}:
~~Dando-lhes~~; O azul refletindo nos anjos e as espadas
de fogo iluminando
A longa estrada Celeste ^{onde} ~~que~~ só ^o ~~seleito~~ ^{solredor} é bem-vindo

(...)

AP. 37. 2. 44

F-0752

Os raios, o céu encoberto, as tempestades e a trovoadas
homemageando^{te} fazendo feriado, lá estarão o sol e a lua
E o arco-iris enchendo o firmamento com o brilho de sua
grande arcada
O vento soprando teus poemas. E a noite silenciosa será
sempre tua

Emily Emily

Paris, Set. 958

Emily Dickinson

Emily Emily, ficaste na velha casa
Reclusa até a luz de tua vida se extinguir docemente
American history escureceu, um raio faiscou vermelho como brasa
As crianças se assustaram e se foram tristemente

Pressentiram o acontecimento
Apagara-se o lume com a tempestade fremente
Coriscos clarões raios e ventania sumiram num momento
As crianças no funeral, com braçadas de flores, iam na frente

Não brincaram mais naquele dia
Se falasse às crianças elas sentiriam
A beleza de tua poesia os homens senhores da economia
Se assustariam e raivosos do seu convívio te baniriam

Já tinhas deixado aquele convívio desde que os conheceste
Não supunham quem eras aqui na terra
Não entenderiam teu mundo que vai além do celeste
Ao primeiro contato com eles, esvoaçou tua alma delicada e etérea

Bem no alto brilha a tua poesia como um sol que faz viver
Não te importes por não teres conhecido mais terras
Mil vezes a solidão e o silêncio para conviver
Do que os que estavam ao teu redor sem saberem quem eras

Com o cortejo dos anjos te acompanhando
Vão as flores de teus versos nos redimindo:
O azul refletindo nos anjos e as espadas de fogo iluminando
A longa estrada celeste onde só o sofredor é bem-vindo

Retrato de Emily
Dickinson – 1958
Desenho a caneta-tinteiro/papel
Paris, França
15 × 11,5 cm
Coleção particular

Os raios, o céu encoberto, as tempestades e a trovada
Homenageando te fazendo feriado. Lá estarão o sol e a lua
E o arco-íris enchendo o firmamento com o brilho de sua grande arcada
O vento soprando teus poemas. E a noite silenciosa será sempre tua

Emily Emily

Paris, set. 1958.





**Ensaio de oração para minha
DENISE,
no seu um e meio aniversário**

Senhor, Tua branca espada não deixará
Que penetrem em meu pequeno
Coração: o egoísmo, a vaidade, a
Desconfiança e os males...

A luz refletida de
Tuas coisas me iluminará na estrada real
Distanciando-me da treva
Ao lado dos outros nas lutas

Seja eu areia macia que não incomoda
Que meu olhar atravesse o opaco e perceba
A erva de Deus não a esmagando
Sob meus pés.

Dai-me muito amor. Eu o distribuirei
Nas filas intermináveis
Se esta prece ouvires forte serei
E diariamente a farei

Meditando-a com meus
Atos de cada instante
Caminharei iluminado, sem me
Perder na escuridão.

Amém.

*Denise com carneiro
branco – 1961
Pintura a óleo/madeira
Rio de Janeiro, RJ
61 × 50 cm
Coleção particular*

Paris, 6 nov., 1961

*Para minha Denise, com muita saudade
e todo o amor do Vovô Candinho.*



Foto de Denise e
Portinari (acervo)

Notas das organizadoras

*A poesia está em tudo — tanto nos
amores quanto nos chinelos,
tanto nas coisas lógicas
como nas disparatadas.*

Manuel Bandeira

*Bem maior foi meu mundo no
Povoado, e mais misterioso também
Nossa banda de música, com tampas
De panelas, e flautas de bambu [...]*

Portinari

Ao prepararmos a nova edição deste livro, nós, organizadoras, tínhamos um ponto de partida claro: o fato de todos conhecerem o Portinari pintor e pouquíssimos saberem da existência ou terem tido contato com o Portinari poeta. Nosso desafio era, então, o de apresentarmos sua face de poeta, sem deixar que o pintor se sobrepusesse a ela. E permitir que o leitor pudesse criar, assim, caminhos para comparar, unir ou fazer com que um adentrasse o outro.

Ora, um artista, mais do que a forma de expressão de que se vale — pintura, escultura, literatura etc. —, é o universo que carrega, exprime e retrata. E o universo imagético de Portinari se equivale na pintura e na poesia. Em ambas estão representadas as temáticas da memória (a infância), da cultura (o folclore) e da preocupação humanística. Portinari é um homem do seu tempo, mas que não se encerra nele. Ao contrário. Transcende-o. Há muito de sublime na sua sutil simplicidade ao trazer os contextos cotidianos do homem da terra, do homem simples, dos retirantes, da gente que o habitava em suas andanças de memória.

Foi essa confluência de imagem e palavra que nos levou a não seguir a determinação do próprio autor e, então, incluir pinturas no livro. Sim, as edições anteriores, publicadas pela Editora e Livraria José Olympio, em 1964, e pela Editora Callis, em 1990, não incluíam ilustrações. Portinari não queria “explorar a fama do pintor em benefício do poeta”, conforme Callado destaca em seu texto de apresentação. Assim, pedimos licença para subverter, com todo zelo, essa recomendação, pois os poemas são

parte daquilo que Portinari nos legou, em sua complexa manifestação artística. E, hoje, seus escritos merecem estar integrados sob o olhar de quem deseja percorrer sua obra, compreendendo que a poesia segue em flerte com o imaginário.

Sobre os critérios puramente editoriais da organização do livro, propusemos alterações e acréscimos em relação às edições anteriores, visando uma melhor compreensão no quesito estrutural – ou seja, na organicidade e integralidade dos poemas.

Nesse sentido, os dois poemas escritos em homenagem ao pintor alemão, precursor do expressionismo, Mathias Grünewald, antes situados ao final da segunda e terceira partes, passaram a compor a quarta parte; esta, por sua vez, sofreu alteração também no título. Onde se lia “Uma prece”, agora, lê-se “Odes”. Além disso, a quarta parte recebeu um poema inédito, escrito em homenagem a Emily Dickinson, por quem o pintor cultivava profunda admiração e se deixava ecoar literariamente. A decisão de acrescentá-lo, agrupando-o aos dois sobre Grünewald e ao dedicado à sua neta Denise, quando esta completava um ano e meio de vida, se dá em função de que todos são homenagens, louvações. Ou seja: são poemas-odes.

Outra mudança refere-se à disposição dos poemas, quando da decisão de adicionarmos versos identificados nos arquivos do acervo do Projeto Portinari, mas que não haviam sido publicados nas edições passadas. Como guia nessa tarefa, foram utilizados os manuscritos do autor e os datiloscritos agrupados por Antonio Callado. Entretanto, nem tudo foi reproduzido na íntegra, uma vez que não tínhamos como saber se aquele projeto gráfico era o que realmente havia sido entregue por Callado à Livraria José Olympio Editora. Isso fez com que acatássemos, assim, tão somente as divergências que julgássemos ser enriquecedoras para o sentido dos poemas.

Por fim, há a compreensão de que a poesia, assim como a pintura, pode situar o mestre no lugar do aprendiz: lugar que leva Cronos, o senhor do

tempo dos relógios, ao eterno retorno a Eros e Thanatos, entre o amor e a morte. Os poemas de Portinari são vazados de lirismo e versam entre a memória e a coragem da passagem, da árdua travessia. Em sua busca, o poeta pensa a nudez das imagens, mas, nelas, se encarna retornando a palavra à flor da pele do leitor.

Letícia Ferro¹

Patrícia Porto²

Suely Avellar³

1 Crítica literária e pesquisadora. Mestre e doutora em Letras e Linguística, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Goiás.

2 Professora e Escritora. Doutora em Políticas Públicas, mestre em Educação, especialista em Alfabetização e licenciada em Letras pela Universidade Federal Fluminense.

3 Professora. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Metodista Bennett. É coordenadora do Núcleo de Arte Educação e Inclusão Social do Projeto Portinari.

Esta obra foi produzida na cidade do Rio de Janeiro pela
Fundação Nacional de Artes - Funarte e impressa na
Edigráfica no primeiro semestre de 2019.



Candido Portinari, para muitos o maior entre os pintores brasileiros, engraçou com a poesia em seus últimos anos de vida. Relutou em se dizer poeta, pois não queria que a fama conquistada com a pintura servisse de atalho para a divulgação da arte recém-descoberta. Acabou aceitando publicar seus poemas selecionados por Antonio Callado, mas ao amigo decretou: “Sem ilustrações”.

Depois de 55 anos, a Funarte publica, em parceria com o Projeto Portinari, esta nova edição da obra. Desta vez, pedimos licença à memória de Candinho para ilustrar os poemas. Além de cotejar a primeira versão com os manuscritos originais, as organizadoras deste volume encontraram pinturas e desenhos perfeitamente apropriados para acompanhá-los.

É esse excepcional trabalho que a Funarte e o Projeto Portinari têm o orgulho de tornar público aos apreciadores de todas as artes.

Miguel Proença

Presidente da Funarte

Enquanto houvesse luz natural, ele pintava o dia todo, todos os dias. Dizia à minha mãe: “Não me chama para comer antes da comida estar na mesa”; ele não podia largar o cavalete...

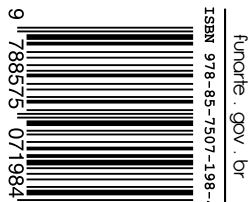
E à noite, crescendo no poente de sua vida, a solidão abriu para ele as portas da poesia, sua confidente derradeira.

Poesia que o Projeto Portinari tem hoje a alegria de reeditar — em parceria com a Funarte —, inaugurando as ações e os eventos que marcam a passagem de seus 40 anos de trabalho, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Que Portinari, o poeta, toque o seu coração. Sinta agora, no reino das letras, o que ele tanto nos contou com seus pincéis.

João Candido Portinari

Presidente do Projeto Portinari



PROJETO
PORTINARI

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte